



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS – CAPF
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA – DEC
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

MARIA GABRIELE SABINO DE AQUINO

A COMPLEXA REALIDADE DOS “NEM-NEM” NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO: EXPLORANDO OS FATORES DETERMINANTES

PAU DOS FERROS – RN

2024

MARIA GABRIELE SABINO DE AQUINO

**A COMPLEXA REALIDADE DOS “NEM-NEM” NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO: EXPLORANDO OS FATORES DETERMINANTES**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Ciências Econômicas, do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Orientadora: Profa. Dra. Franciclécia de Sousa Barreto Silva

PAU DOS FERROS – RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A657c Aquino, Maria Gabriele Sabino de
A complexa realidade dos "nem-nem" no Brasil contemporâneo: explorando os fatores determinantes. / Maria Gabriele Sabino de Aquino. - Pau dos Ferros/ RN, 2024.
53p.

Orientador(a): Profa. Dra. Franciclécia de Sousa Barreto Silva.

Monografia (Graduação em Ciências Econômicas).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Juventude. 2. Nem-Nem. 3. Desocupação. 4. Inatividade. I. Silva, Franciclécia de Sousa Barreto. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MARIA GABRIELE SABINO DE AQUINO

**A COMPLEXA REALIDADE DOS “NEM-NEM” NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO: EXPLORANDO OS FATORES DETERMINANTES**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Ciências Econômicas, do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Aprovada em: 29/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Franciclécia de Sousa Barreto Silva (orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof. Me. Boanerges de Freitas Barreto Filho
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof. Dr. Miguel Henrique da Cunha Filho
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

DEDICATÓRIA

A Deus por ter me dado a força necessária para a realização desse trabalho e por não me permitir desistir.

Dedico especialmente a minha grande amiga/irmã que sempre apoiou o meu sonho, Thamires Ferreira (em memória), para mantê-la viva em cada linha que eu escrevo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido a realização deste sonho, o qual almejei desde criança, mas que não possuí privilégios NENHUM DIA SEQUER da minha vida durante os longos cinco anos sofridos deste curso! Contudo, Deus sempre me deu forças, e sabedoria para que eu seguisse em frente nos vários momentos em que cogitei desistir, nos dias de choro e exaustão mental, nos dias em que eu queria muito ser uma aluna exemplar, mas que também queria jogar tudo para o alto e simplesmente não continuar. Portanto, gratidão Deus por ter segurado firmemente a minha mão, caminhado comigo até aqui me fazendo vencer todos os obstáculos! Também agradeço a mim mesma por ter lutado incansavelmente, dado o meu melhor e não ter permitido me abater pelos desafios do percurso acadêmico.

Agradeço aos meus pais Evilanda e Valdeni, e imensamente a minha mãe, que nunca mediu esforços para tornar minha jornada acadêmica mais leve, pelo apoio, incentivo, compreensão, e ao meu companheiro da vida Leonardo Araújo, juntamente com sua família, ambos sempre acreditaram em mim, agradeço pelo incansável apoio de todos vocês, pela paciência, motivação diária e por toda assistência. Agradeço também aqueles que por diversos momentos me ajudaram, apoiaram e colaboraram por esta conquista, em especial: Genilza, Aldenir e seu esposo Rogério e minha prima, Francineide.

Não poderia deixar de agradecer também aqueles que dividiram a jornada comigo, tornando meu fardo mais leve, meus amigos do curso que levarei para a vida. Roberta Cavalcante obrigada por me fazer esquecer que o curso era pesado, pelos momentos que me fez rir, que confiou em mim, pelas inúmeras vezes que me deu forças e me motivou, por me ajudar sempre, pelos momentos engraçados e felizes.

Agradeço a Gabriela Soares, grande amiga que conheci no curso e que Deus fez questão de unir comigo, agradeço pelo apoio de sempre, pela ajuda incondicional, não só na vida acadêmica, mas na vida cotidiana também, por nunca medir esforços, por me socorrer quando precisei por se tornar parte da minha família.

Ressalto também, meus agradecimentos a Jeisla Larissa, um presente de Deus neste curso e com quem eu pude contar sempre com o carinho, o apoio e as orações;

Diovana Rocha e Cristiane Oliveira, amigas o qual me apeguei muito; Moizes Cipriano e Evertom Saraiva, todos vocês foram fundamentais para a conclusão desta etapa em minha vida, agradeço de coração pelas dicas, pelas questões compartilhadas, pelas horas dedicadas no grupo de estudo, pelo empenho de cada um de vocês, por toda ajuda e por termos cumprido a promessa que fizemos no primeiro período, de que ninguém soltaria a mão de ninguém, juntos somos uma grande família. Agradeço também a minha amiga que conheci durante o projeto do curso, Claudenilza Fernandes, uma menina brilhante, que sempre me socorria com seu conhecimento de informática e me ajudava a pensar em métodos criativos para os meus trabalhos. Eu desejo sucesso para todos vocês!

Quero também deixar meus sinceros agradecimentos a peça-chave na construção desta pesquisa, minha orientadora, Dr^a Franciclécia Barreto, obrigada por acreditar em mim e na minha capacidade, gratidão pelo esforço e por todos os momentos de dedicação, pela paciência e por toda a contribuição para o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Por fim, agradeço aos professores do curso de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, por todo o ensinamento e por terem feito a diferença na realização da minha trajetória na instituição. Meus etenos agradecimentos!

“Nem sempre podemos
construir o futuro para a nossa
juventude, mas podemos
construir nossa juventude para
o futuro.”

(Franklin Roosevelt)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar e compreender a incidência do fenômeno “nem-nem”, identificando e explorando os diversos determinantes que contribuem para essa realidade no Brasil contemporâneo. A abordagem foi quali-quantitativa e descritiva. Quanto aos procedimentos, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e análise de dados disponibilizados pelo IBGE, necessária para se compreender o fenômeno em contexto contemporâneo e sua relação com eventos socioeconômicos recentes. A análise dos dados e de estudos científicos apresentados, constatou que as vulnerabilidades socioeconômicas, aspectos culturais, estruturais, a desigualdade existente no país, crise econômica e período pandêmico, enfrentadas pelos jovens, são os principais motivadores da condição, impactando negativamente os índices de jovens que nem estudam e nem trabalham, elevando esse número. Ficou evidente, que os jovens das regiões Norte e Nordeste, de idade entre 18 e 24 anos, são os mais propensos a permanecerem desocupados e inativos. Contudo, a geração “nem-nem” no Brasil é caracterizada, principalmente, por sua heterogeneidade, são jovens que residem em áreas rurais, negros, oriundos de famílias com baixo rendimento e baixo grau de instrução escolar, além disso, é composta em maior porcentagem por mulheres que têm se dedicado aos afazeres domésticos e ao cuidado com os filhos.

Palavras-chave: Juventude, nem-nem; desocupação, inatividade.

ABSTRACT

This study aimed to analyze and understand the incidence of the “neither-nor” phenomenon, identifying and exploring the various determinants that contribute to this reality in contemporary Brazil. The approach was qualitative-quantitative and descriptive. As for the procedures, bibliographic research and data analysis made available by IBGE were used, necessary to understand the phenomenon in a contemporary context and its relationship with recent socioeconomic events. The analysis of the data and scientific studies presented found that socioeconomic vulnerabilities, cultural and structural aspects, the inequality existing in the country, the economic crisis and the pandemic period, faced by young people, are the main drivers of the condition, negatively impacting the rates of young people who neither study nor work, increasing this number. It was evident that young people from the North and Northeast regions, aged between 18 and 24, are the most likely to remain unemployed and inactive. However, the “NEET” generation in Brazil is mainly characterized by its heterogeneity, they are young people who live in rural areas, black people, from families with low income and a low level of school education, in addition, it is made up in a greater percentage of women who have dedicated themselves to household chores and taking care of their children.

Key Words: Youth; NEET; unemployment; inactivity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Evolução do termo NEET.....	19
Figura 2 – A heterogeneidade da população NEET.....	21
Figura 3 – Revisão de Literatura: Características dos jovens “nem-nem” no Brasil contemporâneo.....	28
Gráfico 1 – Distribuição percentual da população jovem de 15 a 29 anos que não estuda e não trabalha, segundo as Grandes Regiões – Brasil – (2012, 2019 e 2021)	31
Gráfico 2 – Percentual de jovens de 15 a 29 anos que não estudam nem estão ocupados, segundo as Unidades da Federação – Brasil – (2012 e 2021)	33
Gráfico 3 – Proporção de jovens nem-nem residentes em áreas urbanas e rurais – Brasil - (2012 a 2021)	34
Gráfico 4 – Taxa de desocupação de jovens entre 14 a 29 anos e evolução do real do PIB -Brasil – (2012 a 2021)	35
Gráfico 5 – Distribuição percentual da população jovem de 15 a 29 anos que não estuda e não trabalha por categoria e idade – Brasil- (2012 e 2021)	37
Gráfico 6 – Jovens de 15 a 29 anos que não estudam e não estão ocupados, por sexo e cor ou raça (%) - Brasil - (2021)	39
Gráfico 7 – Distribuição percentual de jovens de 15 a 29 anos que não estudam e não estão ocupados, por condição em relação à força de trabalho, segundo o sexo e os grupos de idade –Brasil- (2021).....	40
Gráfico 8 – Distribuição percentual de jovens de 15 a 29 anos segundo a condição de estudo e a situação na ocupação (%) -Brasil- (2017).....	42
Gráfico 9 – Distribuição percentual da população de 18 a 29 anos que não estudava nem havia concluído o ensino médio por motivo principal de não estudar, segundo o sexo -Brasil - (2017).....	43

LISTA DE SIGLAS

DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMDS	Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
NEET	Neither in employment nor in education or training (Nem no emprego, nem na educação ou formação)
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONG	Organização não-governamental
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNADC	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
SIS	Síntese de Indicadores Sociais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	JOVENS “NEM-NEM”: EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS E TERMOS RELACIONADOS	18
3	GERAÇÃO “NEM-NEM”: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE BRASILEIRA.....	23
3.1	Juventude e o desafio do trabalho.....	23
3.1.1	Os jovens “nem-nem”: Caracterização.....	26
3.2	Radiografia da realidade dos jovens ‘nem-nem’ no Brasil.....	30
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

O progresso socioeconômico de uma nação é fortemente influenciado pelo potencial do seu capital humano, que é, em grande parte, formado pela juventude. Para que esse capital humano alcance seu potencial, é essencial que os jovens tenham acesso à educação e experiência no mercado de trabalho (Costa e Ulysea, 2014). No entanto, ao se examinar os dados de países em desenvolvimento, um relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) revelou que o desemprego e o trabalho informal afetam cerca de dois terços da população jovem. E essa vulnerabilidade não acontece apenas nos países em desenvolvimento, pois a OIT de 2013 apontou que, mesmo em países desenvolvidos, um em cada seis jovens não estava inserido no mercado de trabalho, na educação formal ou em programas de capacitação profissional (OIT, 2013).

Vale destacar ainda, que essa parcela da população é a que mais enfrenta desafios no processo de inserção no mercado de trabalho. Desafios derivados de fatores, sociais, políticos, ideológicos, econômicos, falta de experiência, deficiência no sistema educacional, entre outros, revelando que esse cenário é marcado não apenas pelo desemprego, mas também pela exclusão social. Esse problema se destaca por meio de dados que mostram a existência de uma “crise de emprego juvenil” (OIT, 2022).

Ao analisarem o contexto histórico, Camarano e Kanso (2012) destacaram, que nas últimas décadas do século XX o processo de reestruturação produtiva/crise capitalista implementou no mercado de trabalho brasileiro um cenário competitivo e desafiador para a “classe-que-vive-do-trabalho” (Antunes, 2015, p. 101), com destaque para os jovens que apresentam taxa de participação em queda ao longo dos anos.

Além disso, as políticas macroeconômicas estabelecidas nesse período fizeram diminuir a demanda por trabalho, contribuindo, portanto, para elevadas taxas de desemprego, prejudicando a economia brasileira, além da implementação de um cenário econômico que se mostrou profundamente desfavorável para a população ativa (Pochmann, 2007).

Com isso, surge um fenômeno que causa crescente preocupação e requer intervenções tanto do setor público quanto do setor privado, a chamada “geração nem-nem”. Esta geração é composta por jovens que se encontram tanto fora da

escola quanto do mercado de trabalho, demandando medidas eficazes e urgentes. Atualmente, no mundo, a totalidade de jovens desempregados representa cerca de 73 milhões. Dentro dessa parcela, 23,3% correspondem ao percentual dos jovens "nem-nem", que se encontram em situação de não trabalhar, não estudar e muito menos estar em treinamento (OIT, 2022).

No contexto brasileiro, dados levantados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2020, mostram que no primeiro trimestre do ano referência, 36,4% dos jovens brasileiros de 14 a 17 anos, estavam desempregados. Enquanto isso, os jovens na faixa etária de 18 a 24 anos se encontravam em uma porcentagem menor com índice de 22,8%. Porém, os números se mostram elevados, pois em comparação aos registros do ano de 2012. Há uma década, a população jovem entre 14 e 17 anos possuíam uma taxa de desocupação de 22,1%, enquanto os jovens entre 18 e 24 anos representavam 15,3% de desocupação (Justiça do trabalho, 2022).

Outra consequência negativa dessa realidade é a crescente evasão escolar, a interrupção dos estudos, muitas vezes, está relacionada à queda de renda familiar, às perspectivas no mercado de trabalho, entre outros fatores sociais. No cenário de crise e pandemia, esses dados se agravaram ainda mais. Em 2021, observou-se mais que o dobro da taxa de abandono escolar referente ao ensino médio na rede pública: a evasão escolar representou 5,6%, frente a 2,3% em 2020. Além disso, ingressar no ensino superior não é uma tarefa tão fácil. Em 2021 e 2022, a quantidade esperada de inscritos para a avaliação educacional para o ingresso na faculdade - o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) - foi a mais baixa da história (Justiça do Trabalho, 2022). Isso revela como o agravamento dos desafios do dia a dia interfere seriamente na vida escolar e socioeconômica dos jovens.

Segundo o estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em 2021, cerca de 15% dos jovens brasileiros na faixa etária entre 15 e 29 anos não estavam estudando, nem trabalhando. A situação é ainda mais preocupante em comparação com o mundo lá fora. O Brasil tem a segunda maior proporção de jovens de 18 a 24 anos que não trabalham e nem estudam, conforme o relatório Education at a Glance 2022 da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os levantamentos feitos pelo estudo demonstram que essa posição é representada por 35,9% dos jovens

brasileiros, enquanto os demais países-membros da OCDE aparecem em posições pouco mais distantes e menores, com proporções equivalentes a 16,6%. O Brasil possuía, portanto, mais que o dobro da média dos demais países, ficando atrás apenas da África do Sul, com 42,2%.

O relatório da OCDE apresentou também, nesse mesmo período, dados educacionais dos 38 países-membros da OCDE, onde o Brasil também assume a segunda posição, enquanto país de maior proporção onde jovens "nem-nem" permanecem por mais tempo, respectivamente, 5,1% desses jovens ficam por mais de um ano sem trabalhar e sem estudar. Significa que a longo prazo, os desafios para se ingressar no mercado de trabalho aumentam de maneira preocupante. (OCDE, 2022). Essa é uma realidade que faz crescer a necessidade de atenção e ação, seja por parte da comunidade acadêmica, como também, das autoridades.

Diante da realidade exposta, surgiu o interesse pela temática. A pergunta central que conduziu o estudo foi: como se apresenta o fenômeno "nem-nem" no Brasil contemporâneo entre os anos 2012 e 2021, quais são os determinantes dessa realidade evidente, de jovens que não estão no mercado de trabalho e nem estudando?

A partir daí, elaborou-se o objetivo geral: refletir sobre o fenômeno "nem-nem" no Brasil a partir de seus determinantes e do panorama contemporâneo. Os objetivos específicos guiaram a investigação, que foram: I-Demonstrar a origem e as variações do termo "nem-nem" empregados na literatura, ao longo do tempo; II-Apresentar as teorias sobre o fenômeno dos "nem-nem" no Brasil; III-Apresentar dados recentes sobre a incidência do fenômeno "nem-nem" no Brasil; IV-Examinar as causas e os fatores associados ao fenômeno dos jovens "nem-nem" no Brasil.

Para alcançar os objetivos delineados neste estudo, foi adotada uma abordagem metodológica quali-quantitativa. Esta metodologia integra tanto aspectos qualitativos, quanto quantitativos, tendo como propósito, compreender tanto a qualidade, quanto a quantidade dos fenômenos estudados.

Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa tem como foco, aspectos da realidade, buscando compreender e explicar os comportamentos de determinados fenômenos por meio de uma revisão bibliográfica e teórica. Conforme Fernandes e Gomes (2003), a pesquisa quantitativa fundamenta-se na indução, que se refere às generalizações feitas por meio da coleta, exame e análise de casos específicos, frequentemente utilizando estatísticas, principalmente probabilidades, para

demonstrar a significância do estudo. Dessa forma, os métodos quantitativos pretendem responder questões formuladas pela pesquisa, podendo analisar tanto as questões inicialmente apontadas, quanto aquelas que surgem ao longo do trabalho.

A utilização dessa abordagem permite uma representação mais clara dos dados obtidos, por meio de recursos que possibilitam o processamento, análise e apresentação didática dos resultados, em formato de gráficos e tabelas.

Em relação aos fins, trata-se de uma pesquisa descritiva, cujo objetivo é estudar e descrever as características de um grupo populacional ou fenômeno, como distribuição por faixa etária, sexo, origem, nível de escolaridade, etc. Além disso, as pesquisas descritivas podem contribuir para o surgimento de novos estudos e uma nova visão sobre o tema (GIL, 2002).

Em termos de procedimento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando fontes da literatura nacional e internacional devido à temática ainda pouco explorada no Brasil. Para tanto, considerou-se a base de dados das plataformas digitais Scielo, Capes e google acadêmico, além de livros físicos recentemente publicados sobre o assunto. A revisão de literatura foi conduzida para se compreender a origem do termo, suas variações ao longo do tempo, explorar os determinantes culturais, socioeconômicos e estruturais relacionados ao fenômeno, bem como, sua evolução ao longo do tempo e fatores associados.

A coleta de dados para este estudo concentrou-se no contexto contemporâneo do Brasil, utilizando as publicações da Síntese dos Indicadores Sociais (SIS) do IBGE de 2013 e 2022, abrangendo o período de análise de 2012 a 2021. Convém mencionar que o ano de 2012 serviu como ponto de partida para analisar a evolução ao longo de aproximadamente uma década, enquanto 2021 pode representar o último ano disponível de dados quando se escrevia a monografia, proporcionando uma visão recente da situação.

Tal intervalo considera as transformações significativas ocorridas no mercado de trabalho brasileiro, que impactaram as ocupações juvenis e apresentaram desafios em suas trajetórias educacionais e ocupacionais, especialmente devido ao efeito da crise econômica. Em alguns momentos, foi dado ênfase a certos anos, destacam-se no estudo os anos de 2017 e 2019: o primeiro como o início do crescimento percentual desses jovens dentro do período em questão (2012-2021), e o segundo marcado pelo início da crise econômica e pandêmica.

Os jovens estudados são aqueles com idades entre 15 e 29 anos, conforme

a classificação do IBGE. Nessa faixa etária, espera-se que os jovens estejam estudando e se preparando para ingressar no mercado de trabalho. A busca por dados recentes permitiu traçar um panorama do fenômeno em contexto contemporâneo e refletir sobre relação com eventos socioeconômicos recentes. Além disso, explorar dados relacionados aos aspectos socioeconômicos, educacionais e culturais que podem influenciar a problemática em análise, possibilitou uma compreensão mais abrangente e a heterogênea do fenômeno.

Quanto a organização do trabalho, sua exposição: na introdução, apresenta-se a justificativa, objetivos e metodologia traçada para o estudo. Na segunda e terceira seções, se tem a apresentação da evolução do termo "nem-nem", a discussão dos principais achados na revisão de literatura que contribuem para explicar o surgimento do fenômeno, bem como, a apresentação de uma pequena radiografia a partir de dados recentes do IBGE, que contribuem com a caracterização desta geração de jovens. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 OS JOVENS “NEM-NEM”: EVOLUÇÃO DO CONCEITO E TERMOS RELACIONADOS

Na década de 1990, um expressivo número de jovens inativos, tanto no âmbito educacional quanto no mercado de trabalho ganhou destaque em nações como Inglaterra e Japão, tornando-se uma fonte de preocupação não apenas na Europa, mas em todo o globo. Naquele período, dados revelaram que aproximadamente 200.000 jovens estavam excluídos das estatísticas de emprego e educação, o que causou surpresa ao governo inglês. Eles se depararam com uma população invisível, carente dos benefícios das políticas públicas devido à falta de informações específicas sobre esse grupo de jovens (Silva, 2020).

O estudo de Istance *et al.* (1994) ao realizar observações detalhadas sobre o comportamento dos jovens que não se enquadravam nas categorias convencionais do mercado de trabalho se revelou inovador. Estes jovens não estavam empregados, não estavam matriculados em escolas e não estavam participando de programas de formação. Posteriormente, os pesquisadores aperfeiçoaram a definição desses jovens, considerando mais precisamente dois critérios: ocupados ou desocupados (Istance *et al.*, 1994 *apud* Freire, 2018).

Assim, para caracterizar esses jovens, inicialmente utilizou-se o termo "Status Zero". Isso foi feito como uma distinção em relação aos jovens que estavam envolvidos em atividades educacionais (status 1), treinamento (status 2) ou empregados (status 3), conforme destacado por Rocha *et al.* (2020, p. 546). Posteriormente, essa denominação foi modificada para "Status A", não apenas por considerações políticas, mas também para explicar um conceito que poderia gerar interpretações equivocadas, evitando a ideia de que esses jovens não possuem valor algum (Rocha *et al.*, 2020, p. 547).

Posteriormente, o termo "Status A" deixou de representar as características atribuídas a esses jovens. Neste contexto surgiu a expressão em inglês “neither in employment, nor in education or training” (NEET), traduzida para o português como “nem no emprego, nem na educação ou formação”, utilizada pela primeira vez na Inglaterra para descrever uma categoria heterogênea de jovens (Silva Junior; Mayorga, 2019, p. 19).

Esse conceito vai além de considerar a desocupação e busca por emprego, incluindo também aqueles que não estão disponíveis para o mercado de trabalho e

nem estão procurando emprego. Dessa forma, ao revelar a heterogeneidade desse grupo, os estudos destacaram diferenças significativas em suas características, além da necessidade de políticas públicas e demandas por ações direcionadas (Freire, 2021).

Figura 01 - Evolução do termo NEET



Fonte: Elaboração pela autora (2023)

É importante destacar que a origem do termo NEET não tinha inicialmente o objetivo de descrever perfis individuais ou grupos, mas sim de buscar uma classificação oficial para jovens, relacionada ao mercado de trabalho e ao sistema educacional. Além disso, é importante ressaltar que, em comparação com a primeira definição estabelecida pela Inglaterra, as que vieram depois, permitiram que os indicadores europeus identificassem um grupo mais heterogêneo do que os indicadores britânicos (Holte, 2018 *apud* Alcoforado et al 2018). Portanto, surge um termo, voltados aos jovens em geral, relacionado ao processo de passagem para o mercado de trabalho (Frias; Alcoforado; Cordeiro, 2020).

Outro objetivo atribuído ao termo NEET está relacionado a identificar e avaliar os diversos critérios associados às vulnerabilidades dos jovens, compreendendo a faixa etária entre 15 e 24 anos, que se encontravam fora do sistema educacional. Essa abordagem desencadeou a ampliação de uma problemática, objeto de intensa preocupação na União Europeia, resultando em numerosos estudos sobre o tema, buscando abordar de maneira adequada a situação dos jovens inativos da época (Public Health England, 2014, p. 14, tradução própria).

Conforme destaca Frias, Alcoforado; Cordeiro (2020):

A inexistência de um indicador NEET, internacionalmente reconhecido, despoletou uma multiplicidade de definições, levando a que Organizações Internacionais implementassem a sua própria definição de NEET, de forma a estabelecer um padrão que viesse facilitar qualquer abordagem à problemática. Então, em 2010, o Comitê do Emprego da União Europeia delimitou, na sua definição NEET, jovens entre os 15 e os 24 anos de idade, desempregados ou inativos, tal como aqueles que se encontravam afastados do sistema educativo/formativo, passando esta definição a ser usada

no conjunto de indicadores do Eurostat (EUROFOUND, 2012, *apud* Frias, Alcoforado; Cordeiro, 2020, p. 190).

A constatação de que os indicadores utilizados não refletiam de maneira eficaz a realidade contemporânea confirmou a dificuldade em elaborar um perfil preciso dos jovens. Como resultado, isso teve um impacto diferenciado nas políticas destinadas à inserção desse segmento no mercado de trabalho. Posteriormente, esses desafios determinaram a introdução do termo NEET como uma ferramenta estatística para avaliar o desemprego e o status social dos jovens. Essa abordagem passou a medir tanto a taxa de desemprego juvenil, como a taxa de desemprego em geral, conforme descreveram Alcoforado *et al.* (2018).

As pesquisas indicam que o problema tem aumentado consideravelmente. De um lado, parte dos jovens escolhe permanecer na condição de "nem-nem", distante tanto do mercado de trabalho quanto do sistema educacional. Por outro lado, há uma parcela de jovens que não se encontram nessa condição por vontade própria (Carcillo, *et al.*, 2015).

Quanto a isto, cabe reforçar que:

Neste amplo grupo, podemos encontrar NEET desempregados (aqueles que se mantêm à procura de emprego) e NEET inativos (aqueles que não estão a trabalhar, nem a estudar ou em formação, nem à procura de emprego), sendo que estes últimos não estão necessariamente registados nos serviços públicos de emprego, o que dificulta a sua sinalização (Alcoforado *et al.*, 2018, p. 41).

Ao realizar uma revisão na literatura internacional sobre jovens NEET, Freire (2018) ressalta que grande parte dos estudos aborda a clara heterogeneidade associada ao conceito atual. Adicionalmente, destacam a urgência de uma definição mais precisa que possa eficientemente se chegar a um perfil dos jovens verdadeiramente em situação de vulnerabilidade.

De modo a responder esta demanda o grupo de NEET, a *European Foudation for the Improvement of Linving and Working Conditions* (EUROFOUND) propôs a delimitação de cinco categorias, a saber:

(i) *Os desocupados* – sendo este o maior subgrupo, podendo ser subdivididos em desempregados de longa e curta duração;

(ii) *Os não disponíveis ou inativos* – jovens que não estão disponíveis para o trabalho, incluem os jovens que são cuidadores, com responsabilidades familiares, jovens deficientes ou doentes);

(iii) Os *desalentados* – jovens que não procuram emprego ou educação/formação (jovens que estão buscando estilos de vida anti-sociais e perigosos);

(iv) *Aguardando uma oportunidade* – jovens que procuram, ativamente, trabalho ou formação, mas que estão à espera de oportunidades consideradas adequadas às suas capacidades e habilitações;

(v) Os *voluntários* – jovens que decidiram seguir trajetórias de vida alternativas, estando envolvidos em outras atividades não formais (EUROFOUND, 2012, p.24, tradução própria).

Figura 02 - a heterogeneidade da população NEET



Fonte: EUROFOUND (2012). Elaboração pela autora (2023)

É fundamental compreender essas características, pois isso desempenha um papel importante na orientação das políticas públicas, tanto no âmbito geral dos jovens quanto em seus subgrupos específicos.

Por esta razão;

Dentro de cada subcategoria apresenta várias características sociodemográficas, destacando-se importantes fatores explicativos dos padrões de vulnerabilidade: qualificação, orçamento familiar, imigração, saúde, entre outros. Neste sentido, o Eurofound (2012) concluiu que duas grandes subcategorias de NEET surgem com características e fatores de risco muito diferentes: (1) os NEET vulneráveis - em risco de marginalização, que muitas vezes

carecem de suporte social, cultural e humano; (2) os NEET não vulneráveis – com adequado suporte cultural, social e humano que, apesar de serem NEET, correm pouco risco de marginalização (Alcoforado *et al.*, 2018, p. 42)

O fenômeno NEET ultrapassa as fronteiras europeias, assumindo diversas formas em diferentes partes do mundo, como nos países asiáticos, Japão e na Coreia, por exemplo. Nessas regiões, essa categoria de jovens se relaciona ao fenômeno social que não apenas afeta o mercado de trabalho e o sistema educacional, mas também afeta a integração desses jovens na sociedade de modo geral.

No Japão, o termo engloba jovens de 15 a 34 anos que não participam do mercado de trabalho, não estão envolvidos em atividades educacionais e não desempenham tarefas domésticas. Já na Coreia, a definição se estende aos jovens de 15 a 34 anos que não trabalham, não estudam, não buscam uma profissão, não são casados e não possuem responsabilidades familiares, incluindo filhos (EUROFOUND, 2012).

A problemática ganhou o mundo após a crise de 2007/2008, impactando os países membros da OCDE, na América Latina e no Brasil. A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2013) destaca que, na América Latina, cerca de 21,8 milhões de jovens entre 15 e 24 anos não estudavam e nem trabalhavam. Diante desse cenário, definições semelhantes ao conceito NEET foram adotadas em quase todos os países, refletindo a urgência de abordar e compreender essa problemática que só cresce.

No Brasil, o fenômeno popularmente denominado como "nem-nem" tem sua origem no termo espanhol "ni-ni" (ni estudian ni trabajan). Convém destacar, que jovens ligados a essas categorias englobam características que vão além da falta de educação e emprego, envolvendo fatores estruturais, sociais e demográficos, cor, raça, sexo e renda (Silva Junior; Mayorga, 2019). Além disso, a inserção precária no mercado de trabalho, surge como característica fundamental no surgimento do fenômeno "nem-nem" brasileiro (Paulino, 2016).

3 GERAÇÃO “NEM-NEM”: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE BRASILEIRA

3.1 Juventude e o desafio do trabalho

Ao longo da história, os jovens têm enfrentado complexos desafios e, no entanto, um deles vem se tornando central nos debates políticos, sociais e acadêmicos no Brasil: o trabalho. Isso porque entre todas as características atribuídas aos jovens brasileiros, a relação com o mercado de trabalho sempre acontece e ganha atenção. Seja ingressando desde cedo ou buscando qualificações profissionais, o fato é que os jovens enfrentam, em algum momento, a mudança da inatividade para a inserção no emprego (Paulino, 2016).

Neste sentido, no Brasil, o debate inicial sobre a juventude adquiriu relevância após um período marcado por acontecimentos históricos que antecederam os anos 2000. Essa discussão teve como foco identificar se as mudanças na inserção dos jovens no mercado de trabalho eram de natureza estrutural, ou se foram conjunturais, afetados por essa década (Sousa, 2020).

A crise econômica e a adoção de práticas flexíveis na produção foram algumas das implicações desse período. A adoção das políticas liberais também trouxe consigo impactos significativos. Com a reestruturação produtiva, a inserção tecnológica no mundo do trabalho tornou a obtenção de qualificação profissional cada vez mais essencial. Aqueles que não possuem qualificação acabam sujeitos a precárias condições de trabalho, sendo impactada entre os anos 1990 e 2000, principalmente (Camarano e Kanso, 2012).

Nesse contexto, torna-se claro o impacto do aumento do desemprego, o que alterou o perfil da inserção dos jovens no mercado de trabalho e tornando-os a parcela da população mais prejudicada. Os jovens se viram diante de um cenário competitivo e exigente, tornando-se cada vez mais vulneráveis. Além disso, encontrar o primeiro emprego tornou-se um desafio para aqueles que não conseguem atender as exigências impostas pelo mercado (Gonçalves, 2015).

São muitos os fatores que dificultam a entrada dos jovens no mercado de trabalho, e Pastore (2013) destaca duas hipóteses – *a falta de experiência dos jovens e a rigidez da legislação trabalhista*. O autor descreve que:

No primeiro aspecto, lembro que todas as pesquisas indicam que a rotatividade é mais freqüente entre os trabalhadores menos experientes. Isso evidentemente afeta os jovens que nunca trabalharam ou que trabalharam por pouco tempo. No segundo aspecto, destaco que legislação trabalhista impõe as mesmas despesas de contratação para trabalhadores experientes e não-experientes – 102,43% sobre o salário. Prova disso é que, segundo a própria pesquisa do IPEA, a empresa que perde um trabalhador adulto, busca outro adulto e não um jovem, beneficiando-se da produtividade mais alta dos adultos o que agrava a instabilidade dos jovens (Pastore, 2013, p.1).

Os efeitos da deterioração do mercado de trabalho sobre a juventude foram estudados por outros autores. Guimarães (2005), por exemplo, destaca que a reconfiguração na estrutura produtiva ocasionou a redução da participação de jovens entre 15 e 20 anos no mercado de trabalho. Segundo Navarrete *et al.*, (2014), ao analisar as exigências do mercado de trabalho, incluindo as condições de contratos e salários, os jovens podem optar por não buscar inserção, evitando se encaixarem nas exigências delimitadas pelos postos de trabalhos disponíveis.

Blanch (2014) aponta que essa decisão dos jovens colabora para proporção da população dos “nem-nem”, uma vez que os jovens estariam desmotivados em relação ao mercado de trabalho, portanto não trabalham, não desejam trabalhar, e nem procuram trabalho, permanecendo sem atividade. Resumindo, a compreensão desses autores enfatiza as características do mercado de trabalho como elemento crucial na determinação da inatividade juvenil e, conseqüentemente, contribuindo para o surgimento da geração “nem-nem”.

Como descreve a literatura, a geração “nem-nem” é constituída por jovens que nem estudam, nem trabalham, e não desenvolvem nenhuma atividade formativa. No entanto, constituem uma parcela considerável da força de trabalho disponível.

Assim como nos demais países, no Brasil o termo “nem-nem” carrega uma conotação negativa, um estereótipo do jovem “ocioso e improdutivo” (Rocha *et al.*, 2020). Assim:

Daí ser comum, em debates entre estudiosos da área, a utilização do termo “sem sem”, para enfatizar a falta *de acesso* a estudo e trabalho por parte desses jovens. Muitos deles, aliás, estão longe de poderem ser considerados improdutivos, pois se ocupam do trabalho não remunerado no âmbito dos domicílios. No entanto, a denominação “nem nem” ainda é a mais utilizada nos estudos acadêmicos (Rocha *et al.*, 2020, p. 547).

No Brasil, estudos como de Camarano *et al.* (2006), concentraram em

analisar a situação de jovens inativos entre 15 e 29 anos, considerando que aqueles que procuram emprego já fizeram a escolha pelo ingresso no mercado de trabalho. Além disso, eles apontam que a origem do problema está nas vulnerabilidades e potencialidades próprias do contexto social e familiar (Freire e Saboia, 2021).

Nesse sentido, conforme um estudo realizado por Freire e Saboia (2021) os autores também constatam que;

Na quase totalidade dos estudos que foram realizados especificamente sobre esses jovens no Brasil, o foco de análise se deteve no subconjunto de jovens nem-nem inativos, justificando, na maioria dos casos, que os jovens desocupados teriam feito a opção pelo mercado de trabalho (Freire e Saboia, 2021, p. 812).

Considerando esses aspectos, pode-se dizer que, apesar de não corresponder a porcentagem dos que estudam e estão trabalhando, os “nem-nem” compõe parte da força de trabalho disponível. Além disso, a experiência vivida por esses jovens constitui uma ruptura em relação ao que é socialmente esperado da fase da juventude. A situação em que se encontram, fora do mercado de trabalho e do setor educacional, faz com que a entrada na idade adulta aconteça precocemente, isso permite a criação de diferentes arranjos sociais e familiares (Pochmann, 2007).

Estudos recentes no Brasil, aprofundam a análise da transição entre a saída dos jovens da escola e a entrada no mercado de trabalho. Eles abordam o contexto de trabalho e educacional, especialmente diante de um mercado de trabalho caracterizado pela competitividade, impondo barreiras para a inserção dos variados segmentos que compõem a força produtiva, como destacado por Freire e Saboia (2021).

Nesse contexto, diante da importância desse tema, ONGs e entidades públicas também têm se empenhado no estudo dessa problemática, com objetivo de compreender o perfil socioeconômico dos jovens “nem-nem” a partir de diversas análises (quantitativas e qualitativas) e, acima de tudo, requerer o desenvolvimento de políticas públicas voltadas a esse grupo.

Instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), por meio da disponibilização de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), e o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), tem desempenhado importante papel ao direcionar pesquisas demográficas ano após ano, contribuindo com estudos que buscam

envolver as causas e as características do fenômeno no Brasil.

3.1.1 Os jovens “nem-nem”: caracterização

É importante destacar que as características mais comuns associadas aos jovens “nem-nem” não se limitam à falta de oportunidades no mercado de trabalho. Diversos fatores podem influenciar esse status, sejam as dificuldades generalizadas de inserção no emprego, bem como, motivações sociais, econômicas, culturais e políticas.

Desse modo, além de dificultar a passagem da juventude à vida adulta, os jovens também podem tomar decisões de permanecer estudando ou de continuarem inativos. Além disso, questões como o nível de escolaridade, baixo rendimento familiar, condições de moradia, idade, sexo e cor/raça, também desempenham papéis significativos na determinação da condição social desses jovens (Monteiro, 2013). Tillmann e Comim (2016), atribuem aos jovens “nem-nem” enquanto característica, o fato de ainda morarem com os pais, ou com o cônjuge, em sua maioria mulheres. Isto está associado a fatores culturais. Possivelmente, as jovens tendem a abandonarem os estudos ou trabalharem, quando se casam ou se unem ao seu cônjuge, desempenhando por maior tempo a realização de tarefas domésticas e cuidado dos filhos.

Monteiro (2013) e Camarano e Kanso (2012), afirmam que o fator gênero é determinante para o fenômeno, predominando em maior taxa as mulheres. Para os autores, essa estatística também está relacionada as questões de estado civil, maternidade, baixa renda e baixa escolaridade.

O nível de escolaridade surge como elemento chave, característico dos jovens “nem-nem”. A conclusão do ensino médio, de acordo com Madeira (2006), representa maiores oportunidades de se obter qualificações mais altas. A falta de qualificação, no entanto, pode aumentar a vulnerabilidade destes, principalmente das mulheres.

Autores como Almeida e Figueiredo (2013) descrevem que os jovens “nem-nem” são em maior número na faixa etária entre 16 e 18 anos, fase de transição entre a conclusão do ensino médio e inserção no mercado de trabalho. Uma característica marcante, é o fator de indecisão em relação ao ensino superior, ou à busca do primeiro emprego.

Em relação à raça/cor, estudos (PNADs) indicam que os jovens “nem-nem” são compostos em sua maioria por pretos. Esses jovens também possuem maior possibilidade de estarem em nível socioeconômico mais baixo em comparação às outras raças/cores (Murtadha, 2021). Um diagnóstico realizado pela Subsecretária de Estatísticas e Estudos do Trabalho, do Ministério do Trabalho e Emprego revelou justamente essa realidade descrita, na qual entre os jovens “nem-nem”, o Brasil possui atualmente cerca de 7,1 milhões, sendo 60% representado por mulheres, a maioria com filhos pequenos, e 68% são pretos e pardos. Esses são também os mais vulneráveis e mais pobres (Agência Brasil, 2023).

Como visto, a desigualdade de renda também compõe o perfil dessa juventude, conforme reforça o DIEESE (2022):

Os motivos e a quantidade de jovens que estavam nessa situação variavam conforme a renda familiar, entre as famílias mais pobres, o percentual era de 24% e o principal motivo eram os afazeres domésticos e os cuidados de pessoas. Entre os mais ricos, a proporção era de 6% e a justificativa determinante era o estudo em outros cursos, como os pré-vestibulares (DIEESE, 2022, p.1).

Essa afirmação fundamenta-se em dados atuais que destacam a gritante desigualdade entre jovens de baixa renda e os jovens de renda mais elevadas. Jovens de famílias mais pobres enfrentam maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, e na permanência de frequência na escola. Enquanto aqueles que possuem rendas mais elevadas, têm mais facilidade de conseguir trabalho e emprego, e melhores condições educacionais, acesso ao ensino superior e maior qualificação profissional.

Para Rocha *et al.*, (2020), outro traço atribuído aos jovens “nem-nem”, está relacionada as questões de doença ou incapacidade, visto que, diante desta situação, os jovens que possuem alguma incapacidade ou enfermidade severa, são impossibilitados de realizarem um trabalho remunerado enquanto persistir o problema de saúde, mesmo que seja a curto ou longo prazo. Os autores ainda descrevem que, estes jovens são incapacitados de auferir renda por meio do trabalho, tendo que depender de apoio assistencial e/ou familiar, deste modo, encontram-se indisponíveis.

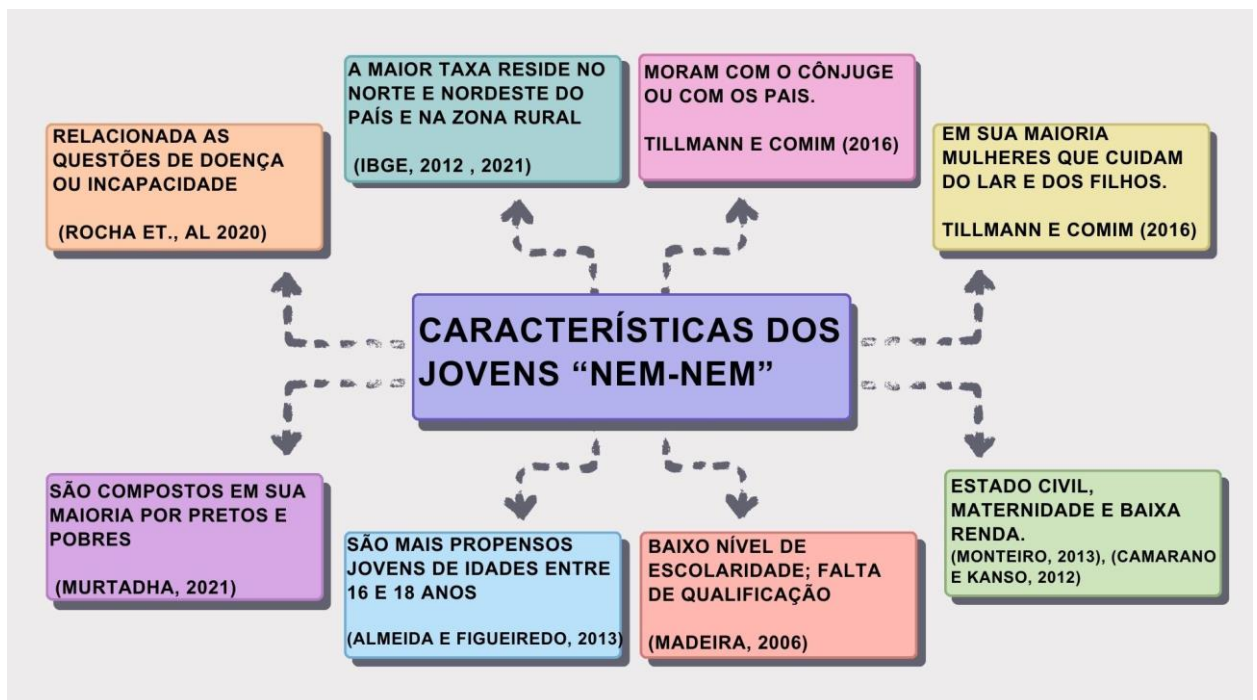
A influência da localidade nas condições de vida dos jovens “nem-nem” é um aspecto importante para compreender a complexidade desse fenômeno no Brasil. As informações fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

através das Sínteses de Indicadores Sociais (SIS) referentes anos de 2012 e 2021, destacaram não apenas a existência de disparidades regionais significativas, mas também as transformações estruturais que moldaram tais disparidades ao longo dos anos.

De maneira mais específica, os dados apontam para uma vulnerabilidade acentuada entre os jovens que residem em áreas rurais. Este grupo enfrenta desafios particulares, tais como o acesso limitado a instituições educacionais e a oportunidades de emprego, o que frequentemente os leva a permanecer nas atividades agrícolas familiares. Conforme destacado por Costa e Ulyseia (2014), a decisão de muitos jovens rurais de continuar no setor agrícola familiar não é meramente uma escolha, mas muitas vezes a única opção viável dadas as circunstâncias de acesso restrito a recursos educacionais e profissionais. Essa realidade mostra a importância de se considerar as especificidades locais ao abordar o fenômeno dos jovens 'nem-nem' no Brasil. A situação dos jovens em áreas rurais ilustra claramente, como a falta de infraestrutura educacional e de emprego pode perpetuar ciclos de pobreza e limitar as perspectivas de futuro para essa população.

A figura a seguir tem como objetivo esquematizar os determinantes que contribuem para as características dos jovens “nem-nem”.

Figura 03 – Revisão de Literatura: Características dos jovens “nem-nem” no Brasil contemporâneo



Elaboração pela autora (2024)

Em resumo, as características atribuídas a esta parcela de jovens evidenciam sua complexa heterogeneidade. Compreender a proporção e as peculiaridades dos jovens que estão na condição “nem-nem” é essencial para a formulação de políticas públicas destinadas a essa problemática – esse público. No entanto, todas essas características e vulnerabilidades que aumentam a probabilidade de um jovem se tornar “nem-nem”, demonstram que esse termo não abrange a totalidade da complexidade da realidade desses jovens (DIEESE, 2022).

3.2 Radiografia da realidade dos jovens 'nem-nem' no Brasil

Analisar como a população jovem está distribuída entre regiões, faixas etárias, diferenças de gênero, níveis educacionais e fatores socioeconômicos, é fundamental para uma compreensão abrangente acerca da evidência desse fenômeno no Brasil e como ele pode ser caracterizado.

A análise da condição dos jovens brasileiros classificados como “nem-nem” revela uma estabilidade aparente ao longo dos anos 2000 até os dias atuais. No entanto, essa estabilidade mascara significativas disparidades regionais. É importante, portanto, examinar a distribuição desses jovens pelas diferentes regiões do Brasil, destacando como as desigualdades regionais influenciam as proporções de jovens “nem-nem”. Esta pesquisa se dedicou a estudar esse fenômeno no intervalo de 2012 a 2021. O ano de 2012 serviu como referência inicial pensando em uma década, enquanto 2019 e 2021 permitiram observar tendências recentes e possíveis impactos de eventos recentes, como pandemia ou crises econômicas, que impactaram diretamente na situação desses jovens. Essa análise proporciona uma visão mais aprofundada sobre os desafios e as oportunidades que caracterizam suas vidas em diferentes contextos.

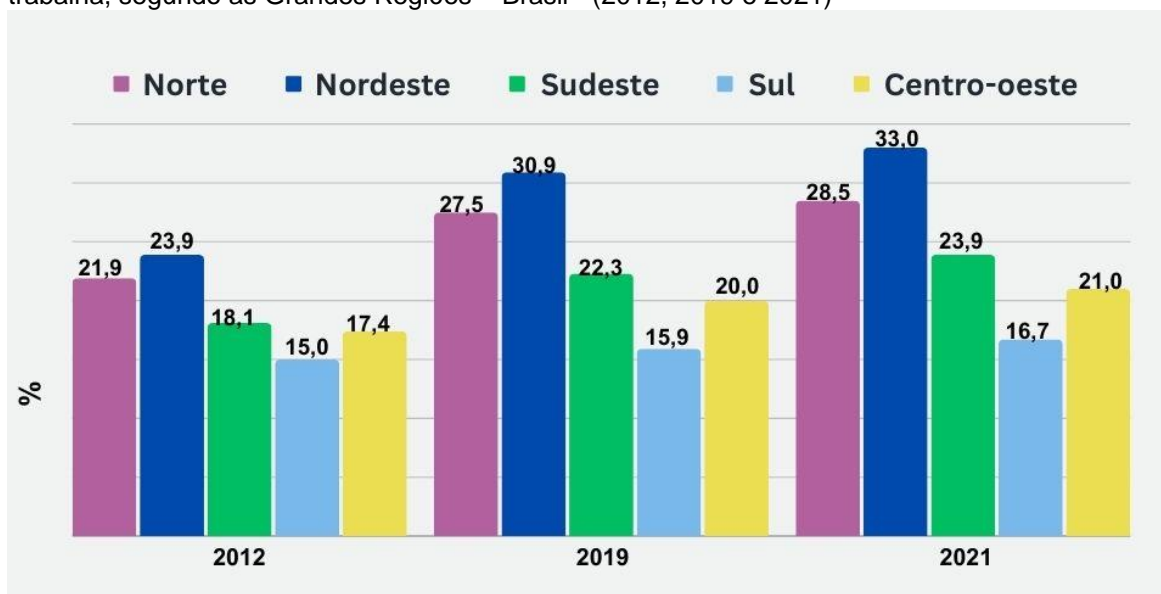
No ano de 2012, a região Nordeste apresentava os maiores percentuais entre as demais regiões analisadas, permanecendo na liderança por anos sucessivos. No entanto, ao se observar o ano de 2019, o impacto da pandemia resultou em acréscimo no percentual de jovens que não estudam e nem trabalham, tendência que continuou nos anos seguintes em todas as grandes regiões do país (PNADC, 2022). Este fenômeno ressalta a importância em compreender as particularidades regionais ao analisar a situação dos jovens “nem-nem”, e compreender como eventos externos, como a pandemia, podem influenciar suas trajetórias.

Tendo como base os dados das PNADCs (2013) e (2022), o gráfico 1 apresenta a distribuição percentual de jovens de 15 a 29 anos que não estudam e não trabalham, abrangendo os anos de 2012, 2019 e 2021, conforme as grandes regiões do Brasil.

No geral, considerando os três anos analisados (2012, 2019 e 2021), nota-se o aumento da população “nem-nem” em todas as regiões do Brasil. A região

Nordeste se destaca com o maior percentual de jovens nessa situação, 23,9%; 30,9% e 33,0%, respectivamente. Além disso, o Nordeste, em termos de crescimento, lidera com as taxas crescentes em quase uma década, com aumento de 9,1 pontos percentuais entre 2012 e 2021.

Gráfico – 1 Distribuição percentual da população jovem de 15 a 29 anos que não estuda e não trabalha, segundo as Grandes Regiões – Brasil - (2012, 2019 e 2021)



Fonte: IBGE, Sínteses dos Indicadores Sociais (SIS), 2013 e 2022. Elaboração própria, 2023

Seguindo a região Nordeste, observa-se que a região Norte apresenta o número de jovens “nem-nem”, com percentuais de 21,9%; 27,5% e 28,5%, respectivamente. Nesse caso, com 6,6 p.p. de variação entre 2012 e 2021. Esses dados evidenciam as disparidades regionais e destacam a necessidade de compreender as dinâmicas de cada região, que contribuem para a existência dessas condições entre jovens em diferentes localidades do país.

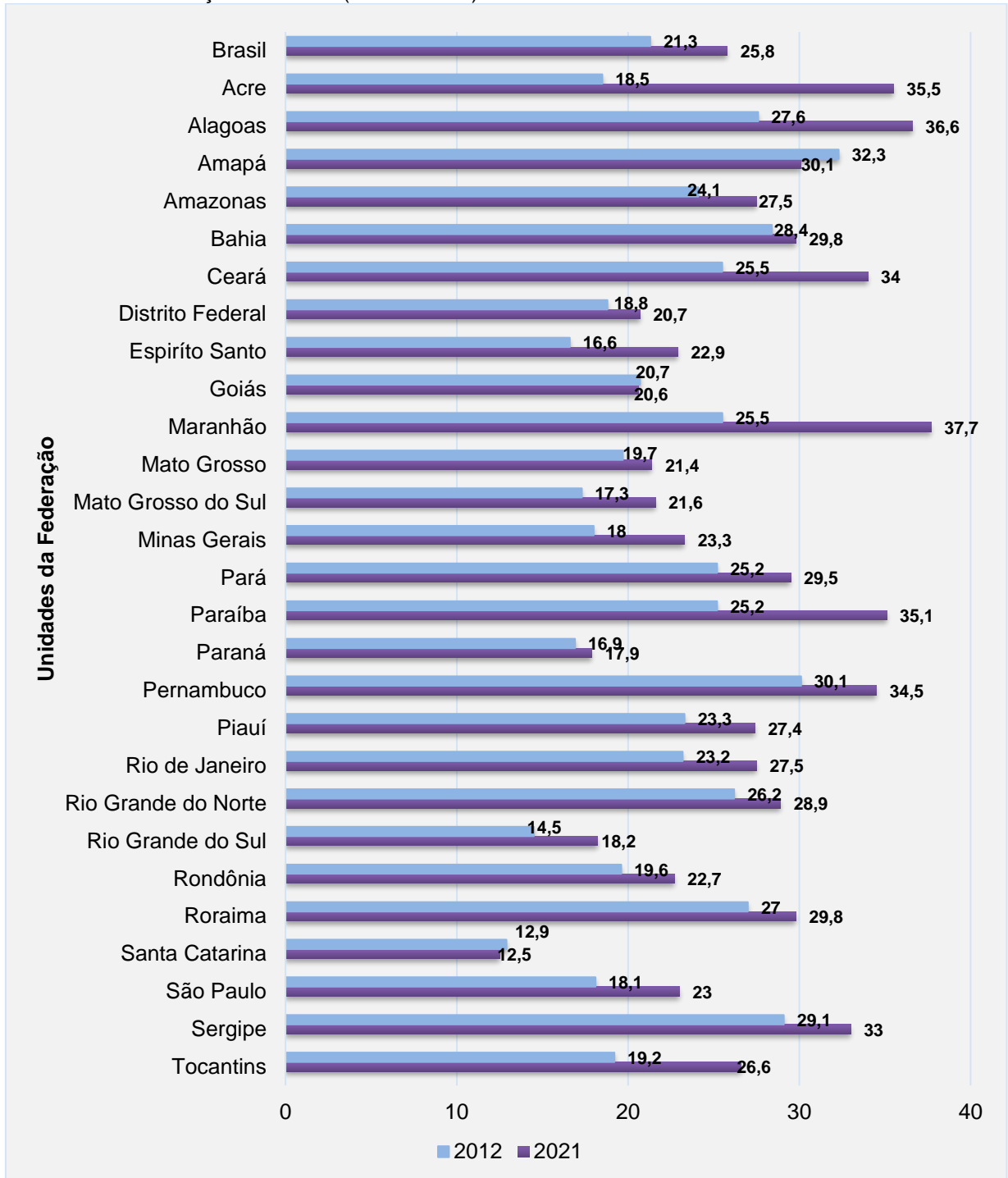
Apesar do crescimento de jovens “nem-nem” em todas as regiões, Sudeste e Centro-Oeste apresentam variações pouco alteradas. Ao longo da última década, o Sudeste variou 5,8 p.p, enquanto o Centro-Oeste apresentou variação de 3,6 p.p. Esses valores são pouco inferiores em comparação as regiões Norte e Nordeste, o que sugere certa estabilidade das primeiras regiões. Em relação ao Sul, esta foi a região que apresentou menor variação, pouco alterou ao longo do período. Em 2012, registrou 15,0% de jovens “nem-nem”, seguido por 15,9% em 2019, período de pandemia, e 16,7% em 2021, colocando-a em última posição de jovens na condição “nem-nem”.

Em resumo, o que todas as grandes regiões têm em comum, é o aumento de seus índices de jovens que não trabalham e não estudam, principalmente durante o ano de 2019, período em que se acentuava uma crise econômica mundial. Além disso, evidenciou-se a ampliação das disparidades, as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste tiveram variações percentuais mais baixas, as regiões Norte e Nordeste cresceram em maior proporção durante quase uma década, isso pode estar relacionado aos fatores socioeconômicos e estruturais que afetam o mercado de trabalho, onde cada região possui suas particularidades.

Conforme demonstrado no gráfico 2, os dados revelaram mudanças significativas no perfil dos jovens 'nem-nem' – aqueles que não estão empregados e também não estão matriculados em instituições de ensino – em todo o Brasil, revelando aumento no percentual desses jovens em quase todas as Unidades da Federação. No entanto, Amapá, Goiás e Santa Catarina destacaram-se positivamente ao registrar pequenas reduções nas suas respectivas taxas em 2021, com Santa Catarina apresentando o menor percentual entre todas as Unidades.

É importante notar que, em ambos os anos analisados, 2012 e 2021, as Unidades da Federação localizadas nas regiões Norte e Nordeste exibiram taxas significativamente superiores à média nacional, à exceção de Rondônia. Por outro lado, a maioria das Unidades nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste apresentou proporções inferiores à média do país, com a notável exceção do Rio de Janeiro. Esses dados sublinham as persistentes disparidades regionais no Brasil, evidenciando uma distribuição desigual dos jovens 'nem-nem' pelo território nacional.

Gráfico – 2 Percentual de jovens de 15 a 29 anos que não estudam nem estão ocupados, segundo as Unidades da Federação – Brasil – (2012 e 2021)



Fonte: IBGE, Síntese dos Indicadores Sociais (SIS) 2013 e 2022. Elaboração própria, 2024

Apesar de recuo dos índices no Amapá para o ano de 2021. Em 2012 esta foi a Unidade que registrou o percentual mais elevado, de jovens que não estavam estudando e nem trabalhando (32,3%), seguido por Pernambuco (30,1%) e Sergipe (29,1%). Por outro lado, Espírito Santo (16,6%), Mato Grosso do Sul (17,3%), Minas

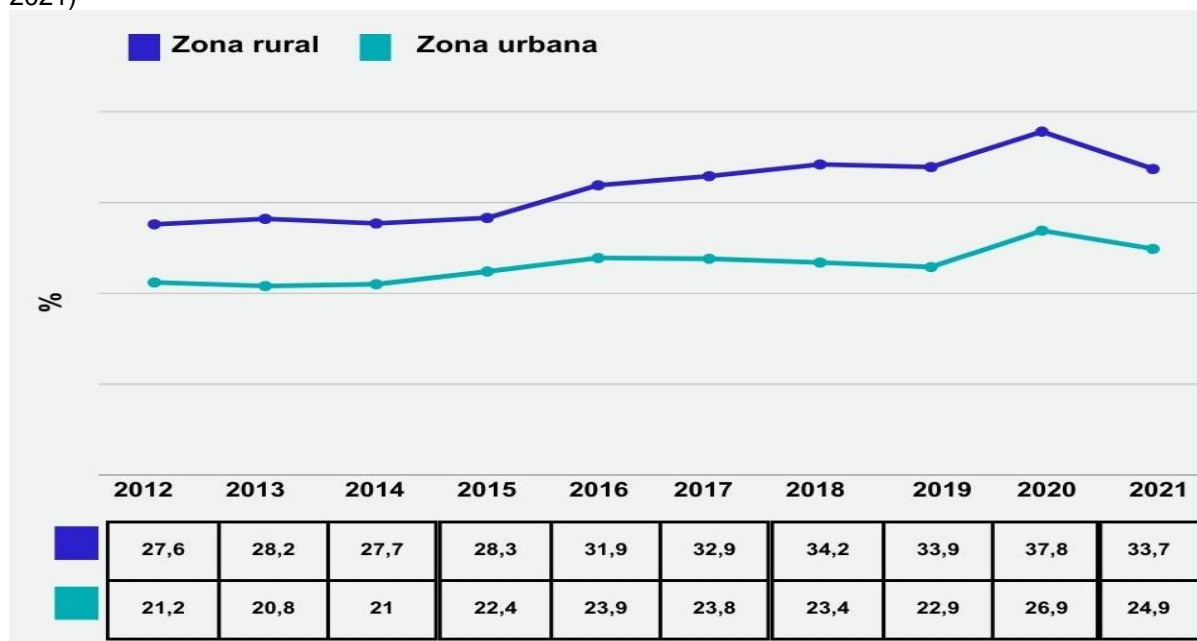
Gerais (18%), Paraná (16,9%) e Santa Catarina (12,9%), destacaram-se com menor número de jovens “nem-nem” do país.

Já para o ano de 2021, Maranhão lidera a posição de maior proporção, com 37,7%, o maior percentual registrado para os dois anos em análise, seguido pela Unidade de Alagoas com taxas aproximadas com 36,6%. Neste ano, Paraná e Santa Catarina, mantiveram-se com os menores percentuais (17,9% e 12,5% respectivamente). Analisar Unidades Federativas, colabora para uma melhor compreensão a respeito dos altos índices de jovens “nem-nem” distribuídos regionalmente.

Entretanto, esses dados sugerem, ainda, que a realidade enfrentada pelos jovens é distinta nas diversas regiões brasileiras e revelam a importância de se considerar para análise, a diversidade geográfica e o impacto de eventos externos, como a pandemia. É fundamental esse entendimento, para o desenvolvimento de estratégias adequadas a cada região, com objetivo de apoiar os jovens na sua vida acadêmica e profissional, entre outras coisas.

Quanto a localidade dos jovens. O gráfico 3 apresenta a proporção de jovens brasileiros que não estudam e não trabalham, residentes em áreas urbanas e rurais, nos anos de 2012 a 2021.

Gráfico 3- Proporção de jovens nem-nem residentes em áreas urbanas e rurais – Brasil - (2012 a 2021)

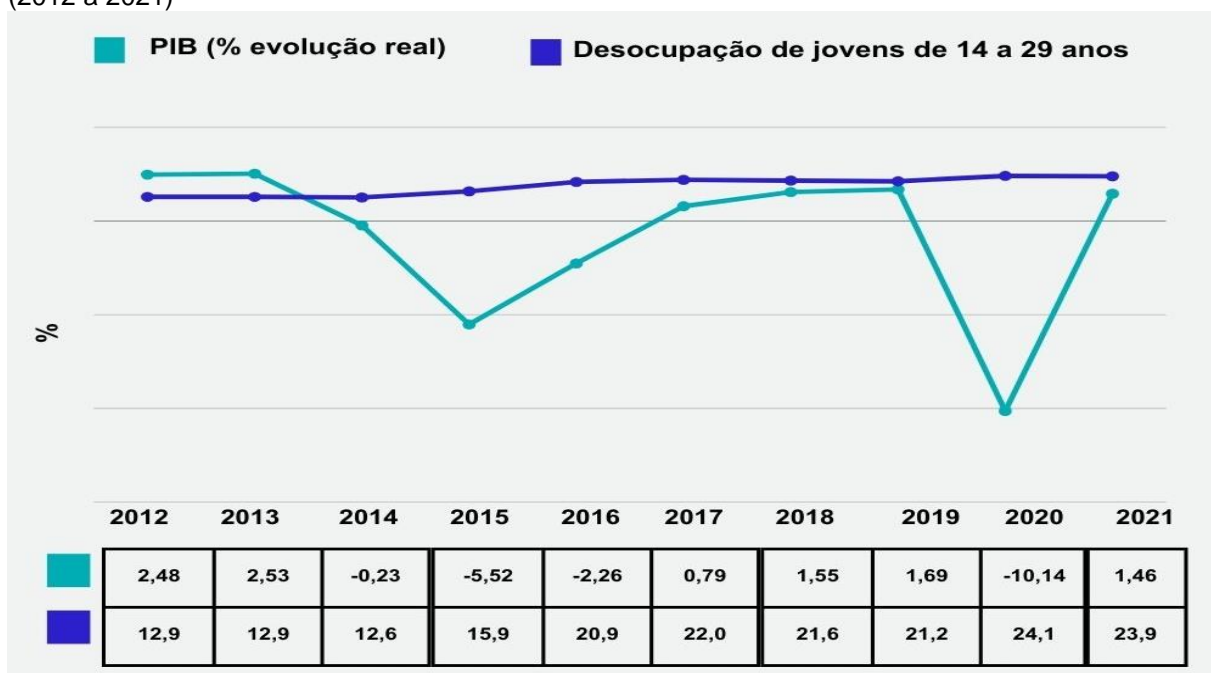


Fonte: Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS). Com base no IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), 2012 e 2022. Elaboração própria, 2023.

A menor taxa registrada de jovens nem-nem rurais concentrou-se no ano de 2012 com 27,6%, enquanto para os jovens da zona urbana, seu menor índice ficou em torno de 20,8%, no ano de 2013. Apesar do crescimento observado nas duas localidades a partir do ano de 2016, nota-se que os jovens rurais apresentam maiores índices (31,9%) nesta condição, com 8,0 p.p a mais do que os jovens urbanos (23,9%). Essa desigualdade percentual prossegue pelos anos consecutivos, atingindo seu pico durante o ano de 2020, em que os jovens da zona rural representam uma taxa de 37,8%, índice superior comparados aos 26,9% que atingem os jovens da zona urbana. Vários fatores podem ter contribuído: falta de oportunidades nas áreas rurais, pouco acesso à educação, migração de jovens para áreas urbanas, período pandêmico que agravou as desigualdades já existentes. Além disso, essas taxas também podem ser reflexo dos padrões culturais vinculados aos laços familiares, por meio do incentivo a continuidade das atividades agrícolas (Costa e Ulyssea, 2014).

Em números absolutos, a evolução do desemprego entre os jovens, abrangendo toda a faixa etária de 14 a 29 anos, vem apresentando aumento ao longo da década. Outro ponto em destaque, é que os índices desta condição, são impactados pela oscilação do PIB, quando cresce ou recua. Ver gráfico 4.

Gráfico 4 - Taxa de desocupação de jovens entre 14 e 29 anos e evolução real do PIB - Brasil – (2012 a 2021)



Fonte: IBGE, Sistema de Indicadores Sociais (SIS), 2013-2022 e do IPEADATA. Elaboração própria, 2023.

Nota: Utilizou-se o PIB real referente ao 2º trimestre de cada ano analisado.

A análise do PIB nesse período permitiu identificar tendências macroeconômicas e avaliar o desempenho econômico do país ao longo de quase uma década. Os anos selecionados fornecem uma visão abrangente das flutuações econômicas.

Analisando o período entre 2012 e 2021, as taxas de desocupação juvenil vão de 12,9% para 23,9%. Essa proporção tende a crescer a partir de 2016 (20,9%), alcançando seu pico no ano de 2020 (24,1% respectivamente). Por sua vez, o PIB brasileiro percorre por períodos de oscilações, principalmente durante a crise econômica que atravessava o país entre 2014 e 2016, atingindo seu ápice de recuo durante a pandemia em 2020 (-10,14%).

Nota-se que a desocupação juvenil revela correlação com os ciclos econômicos, evidenciando que os picos expressivos coincidem com os períodos recessivos. Dinâmica impulsionada pela interligação entre a atividade econômica, a demanda por empregos e os rendimentos das famílias. Nos períodos de expansão, a procura por emprego cresce, resultando em ganhos nos rendimentos familiares, promovendo a redução proporcional de jovens sem ocupação. Porém, durante crises, o número de jovens em busca de compor a renda familiar aumenta, contudo, esta busca por oportunidades no mercado de trabalho é constante e árdua.

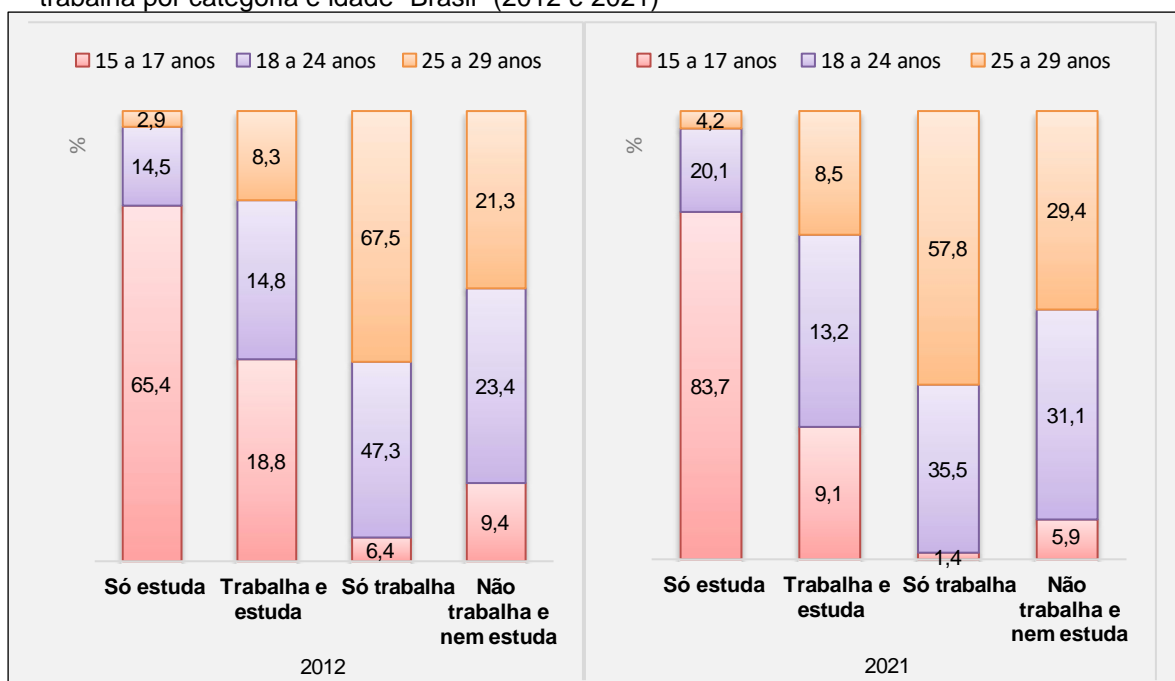
Devido à falta de experiência profissional, os jovens representam o grupo mais vulnerável em períodos de crise econômica, especialmente aqueles com baixas qualificações. Por outro lado, quando as condições do mercado de trabalho apresentam desvantagens, os jovens tendem a permanecer mais tempo no sistema educativo, adquirindo qualificações que ajudam a reduzir a vulnerabilidade futura. Quando as condições se tornam desfavoráveis é indispensável a destinação de recursos por parte do poder público, criar um ambiente contínuo favorável a aprendizagem. É preciso ser atrativo e compensar diante do aumento do desemprego, da inatividade e do desalento (EDUCATION..., 2021 *apud* SIS, 2022, p. 36).

Portanto, para se compreender a mobilidade que ocorre entre os jovens “nem-nem” em diferentes situações de atividades ou inatividade, o gráfico 5 apresenta a distribuição percentual de jovens de 15 a 29 anos que não estudam e não trabalham nos anos de 2012 e 2021, analisando grupos de faixa etárias que correspondem aos jovens de 15 a 17 anos, 18 a 24 anos e 25 a 29 anos. No que se refere as categorias de distribuição incluem os jovens que só estudam, trabalham

e estudam, só trabalham e não trabalham e nem estudam.

Convém explicar, que anos de 2012 e 2021 foram escolhidos para examinar mudanças na distribuição demográfica por idade ao longo quase uma década. Isso pode revelar padrões de envelhecimento da população, mudanças nas taxas de natalidade e outros aspectos relevantes para políticas sociais e de saúde pública.

Gráfico 5 - Distribuição percentual da população jovem de 15 a 29 anos que não estuda e não trabalha por categoria e idade -Brasil- (2012 e 2021)



Fonte: IBGE, Síntese dos Indicadores Sociais (SIS), 2013 e 2022. Elaboração própria, 2023

Sendo 15 a 17 anos a idade oficial de frequência no ensino médio brasileiro, última etapa de conclusão da educação básica obrigatória, a maior taxa de jovens dessa faixa etária, somente estudavam (65,4%) no ano de 2012, registrando um aumento significativo para 83,7% no ano de 2021. Os dados revelam a heterogeneidade composta por todas as faixas etárias que compõe a juventude, pois ao comparar esta mesma categoria, nota-se que para o ano de 2012, os jovens de 18 a 24 anos representavam 20,1% enquanto 4,2% correspondiam os de idade entre 25 e 29 anos, índices inferiores à primeira faixa etária analisada.

O que não difere, é o fato de que se observa também uma elevação percentual de estudantes em 2021 para esses dois últimos grupos. Isso sinaliza que mesmo diante a desaceleração econômica e a pandemia de COVID-19, os jovens não apenas continuaram seus estudos, mas possivelmente intensificaram o seu

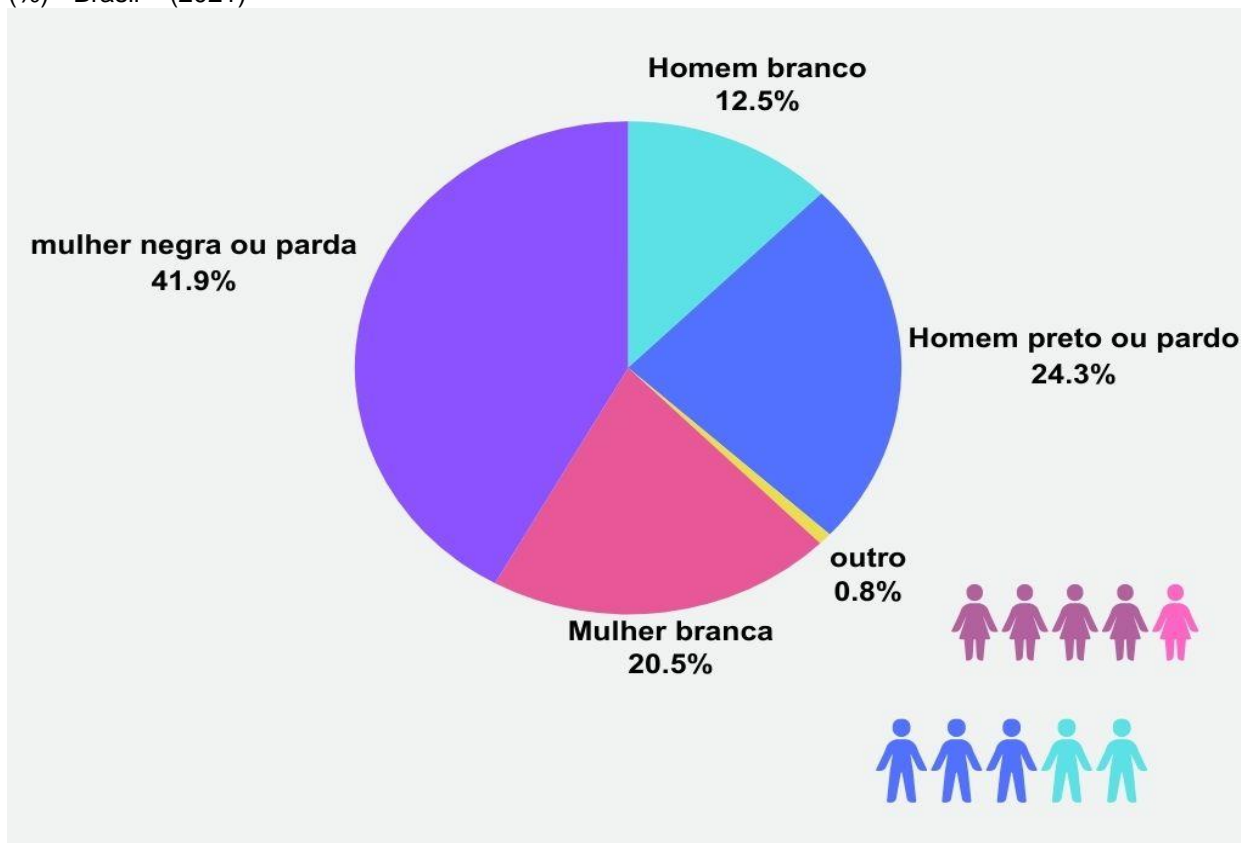
comprometimento, se mantendo estimulados, sugerindo capacidade de adaptação desses jovens, mesmo enfrentando a passagem para o ensino remoto, incertezas econômicas e impactos psicossociais da pandemia. Em parte, tal resiliência pode ser atribuída ainda, ao fato de que a retratação do mercado de trabalho e o distanciamento social mantiveram o número de jovens na educação.

É evidente que o período pandêmico impactou negativamente o mercado de trabalho, externando as vulnerabilidades dos jovens e destacando as desigualdades sociais, especialmente, tratando-se da transição escola para o trabalho. Essa análise pode ser observada pelos dados nas categorias “trabalha e estuda” e “só trabalha”, na qual os jovens de faixa etária entre 15 e 17 anos e os de 18 a 24 anos são os mais propensos a concentrar menores índices. Além disso, para esses dois grupos, as porcentagens daqueles que conciliavam trabalho e o estudo, diminuíram entre 2012 e 2021. O primeiro grupo, apresentou queda de 9,7 p.p, enquanto o segundo, a diminuição foi de 1,6 p.p. Isso indica que estes jovens foram mais afetados pelos fatores externos. Já o grupo de jovens entre 24 e 29 anos teve uma variação pequena, na categoria “trabalha e estuda” com um aumento de 0,2 p.p, o que indica que nessa faixa houve a persistência em se conciliar trabalho e estudo, mesmo que em menor escala.

Entre aqueles que não trabalham e não estudam, a taxa mais expressiva foi observada no grupo de 18 e 24 anos, esse segmento oscilou entre 23,4% e 34,1%. Seguindo esse grupo, encontram-se os jovens entre 25 e 29 anos, que apresentam indicadores não muito distantes, variando de 21,3% para 29,4% daqueles que não estudam e nem trabalham, sendo os jovens de 15 a 17 anos aqueles em menor índice nessa condição. Em suma, os dados mostram uma complexa interação entre pandemia, mercado de trabalho e desigualdades sociais.

Cabe destacar, que no Brasil, os fatores estruturais e culturais (que não dependem diretamente das condições do mercado de trabalho), contribuem para as mulheres serem a maioria daqueles que não estudam, nem trabalham (SIS, 2022). Neste sentido, é pertinente analisar o ano de 2021 (gráfico 6), marcado sobretudo pelo impacto de fatores externos, como a pandemia.

Gráfico 6 - Jovens de 15 a 29 anos que não estudam e não estão ocupados, por sexo e cor ou raça (%) - Brasil – (2021)



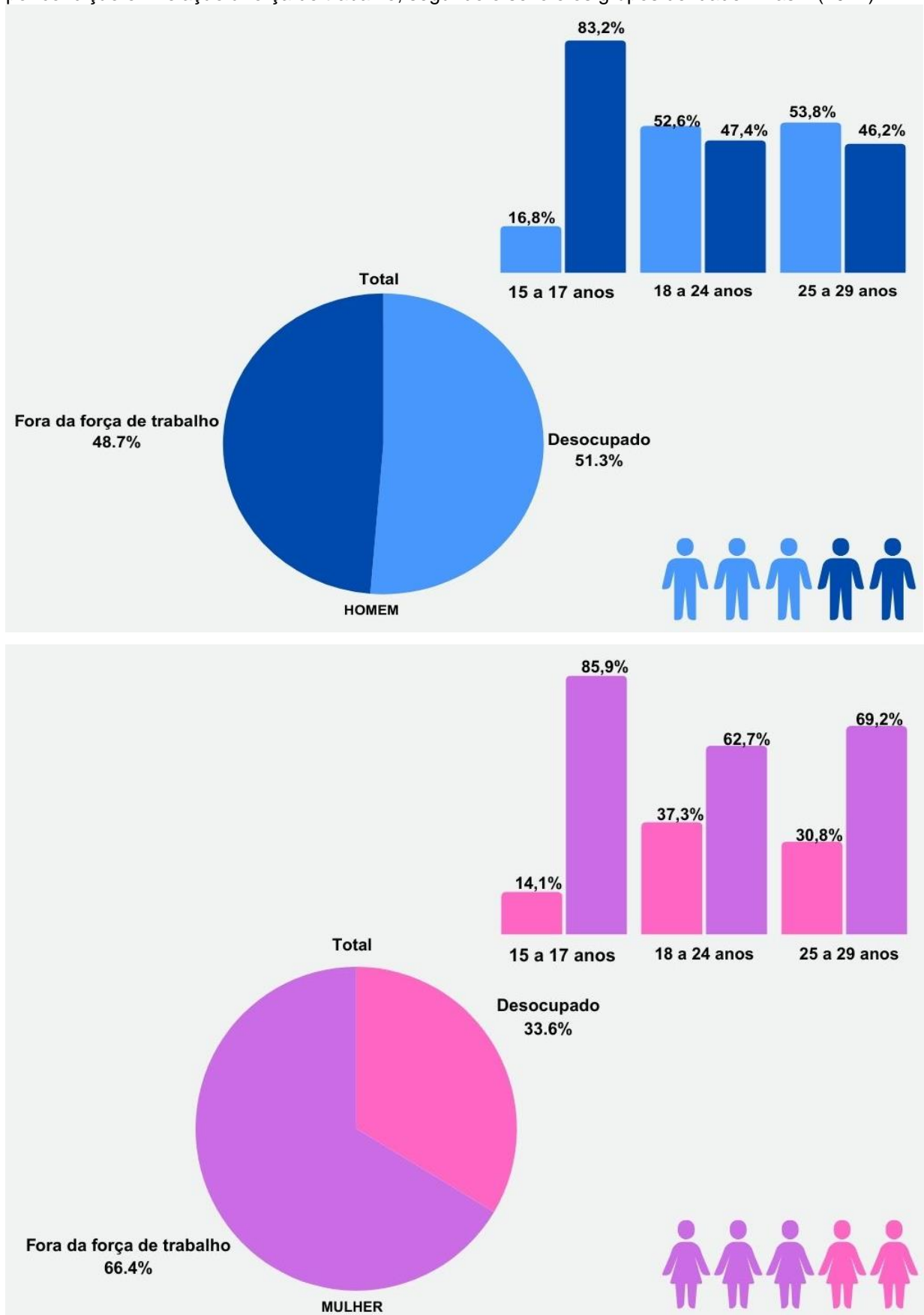
Fonte: IBGE, Sistema dos Indicadores Sociais (SIS), 2022. Elaboração própria 2023.

Em 2021, dos 12,7 milhões de jovens de 15 a 29 anos do Brasil, as mulheres de raça ou cor preta, ou parda representavam 5,3 milhões (41,9%), enquanto as mulheres brancas eram menos da metade, totalizando 2,6 milhões (20,5%). No total, as mulheres nesta situação eram em 7,9 milhões, representando 62,5% dos jovens que não estudam nem trabalham. Dos restantes 4,7 milhões de jovens nessa situação, 3 milhões eram homens pretos ou pardos (24,3%), e 1,6 milhões eram de homens brancos (12,5%). O que esses dados refletem? As desigualdades de gênero e raça presentes na composição dos jovens “nem-nem” no Brasil.

Desse modo, a compreensão pela qual os jovens homens e mulheres se encontram na situação de não estudar nem estar ocupado, podem ser influenciados por variados papéis de gênero impostos na sociedade.

Ao analisar o gráfico 7, as mulheres representam maioria entre os jovens que não estudavam nem estavam ocupados em 2021.

Gráfico 7- Distribuição percentual de jovens de 15 a 29 anos que não estudam e não estão ocupados, por condição em relação à força de trabalho, segundo o sexo e os grupos de idade -Brasil- (2021)



Fonte: IBGE, Sistema dos Indicadores Sociais (SIS), 2022. Elaboração própria, 2023

Em comparação com 48,7% dos homens que estavam fora da força de trabalho, 66,4% eram compostos pelas mulheres, totalizando, 2,3 milhões de homens nessa situação e 5,3 milhões de mulheres.

Os percentuais da condição em relação à força de trabalho por sexo, entre os jovens de 15 a 17 anos, não eram divergentes: 85,9% das mulheres e 83,2% dos homens estavam fora da força de trabalho em 2021. Contudo, ao se analisarem os percentuais dos indivíduos fora da força de trabalho, surgem disparidades entre mulheres e homens com idades a partir dos 18 anos. No grupo etário entre 18 e 24 anos, as mulheres representavam 62,7%, enquanto para aquelas de 25 a 29 anos, esse número era de 69,2%. Em contrapartida, os homens na mesma faixa etária não estudavam e nem estavam ocupados, constituíam menos da metade desses percentuais com 47,4% e 46,2%, para as idades de 18 a 24 anos e 25 a 29 anos, respectivamente.

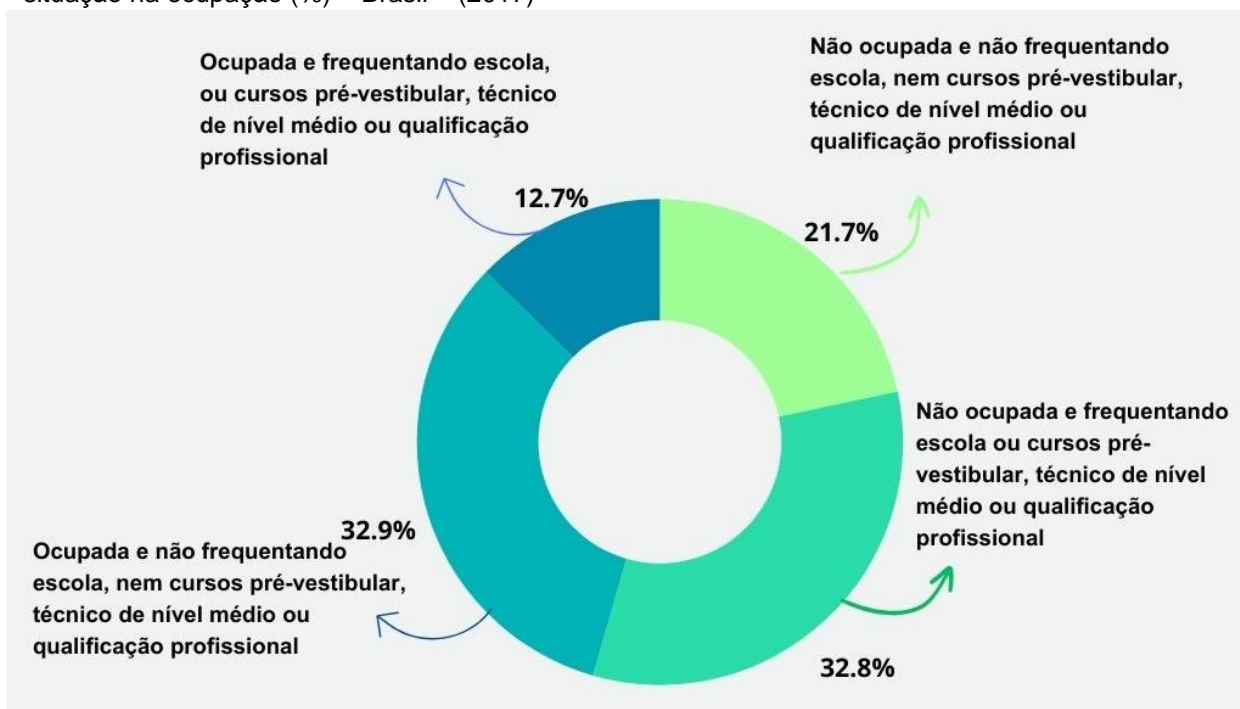
A tendência é de que as mulheres permaneçam frequentemente na situação “nem-nem”, isso porque desempenham em maior número as responsabilidades com cuidados no domicílio, filhos e atividades domésticas. Estão frequentemente dedicadas, por mais tempo, ao chamado trabalho reprodutivo, muitas vezes não remunerados e pouco reconhecidas; a busca por conciliar as várias atividades é constante e desgastante. Enquanto isso, a desocupação dos homens tende a ser por período mais curtos, a saúde tem sido um dos motivos de desocupação. Eles estão mais disponíveis para buscar trabalho, por desempenham menor tempo aos afazeres domésticos e no cuidado com filhos, sendo culturalmente mais favorecidos do que as mulheres, pois se atribui a eles, o papel de provedor da residência (SIS, 2022). Essa análise ressalta a importância de se debater as desigualdades de gênero presentes na sociedade, na distribuição de atividades domésticas e trabalho. Chama a atenção para necessidade de reconhecimento e valorização do trabalho reprodutivo feminino.

A desocupação juvenil, não é o único problema enfrentado pelo grupo, como assim evidenciam dados do módulo Educação da PNAD Contínua, referente ao ano de 2017. Nesse ano, a proporção de jovens “nem-nem” atingiu uma das mais altas porcentagens desde os anos 2000. Dos 48,5 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos, mais da metade (25,2 milhões) não concluiu o ensino superior, não frequentavam escola, curso, universidade ou qualquer outra instituição regular de ensino (Agência notícias IBGE, 2018).

A proposta do gráfico a seguir é analisar a distribuição percentual de jovens

de 15 a 29 anos segundo a condição de estudo e a situação na ocupação referentes ao ano de 2017.

Gráfico 8 - Distribuição percentual de jovens de 15 a 29 anos segundo a condição de estudo e a situação na ocupação (%) – Brasil – (2017)



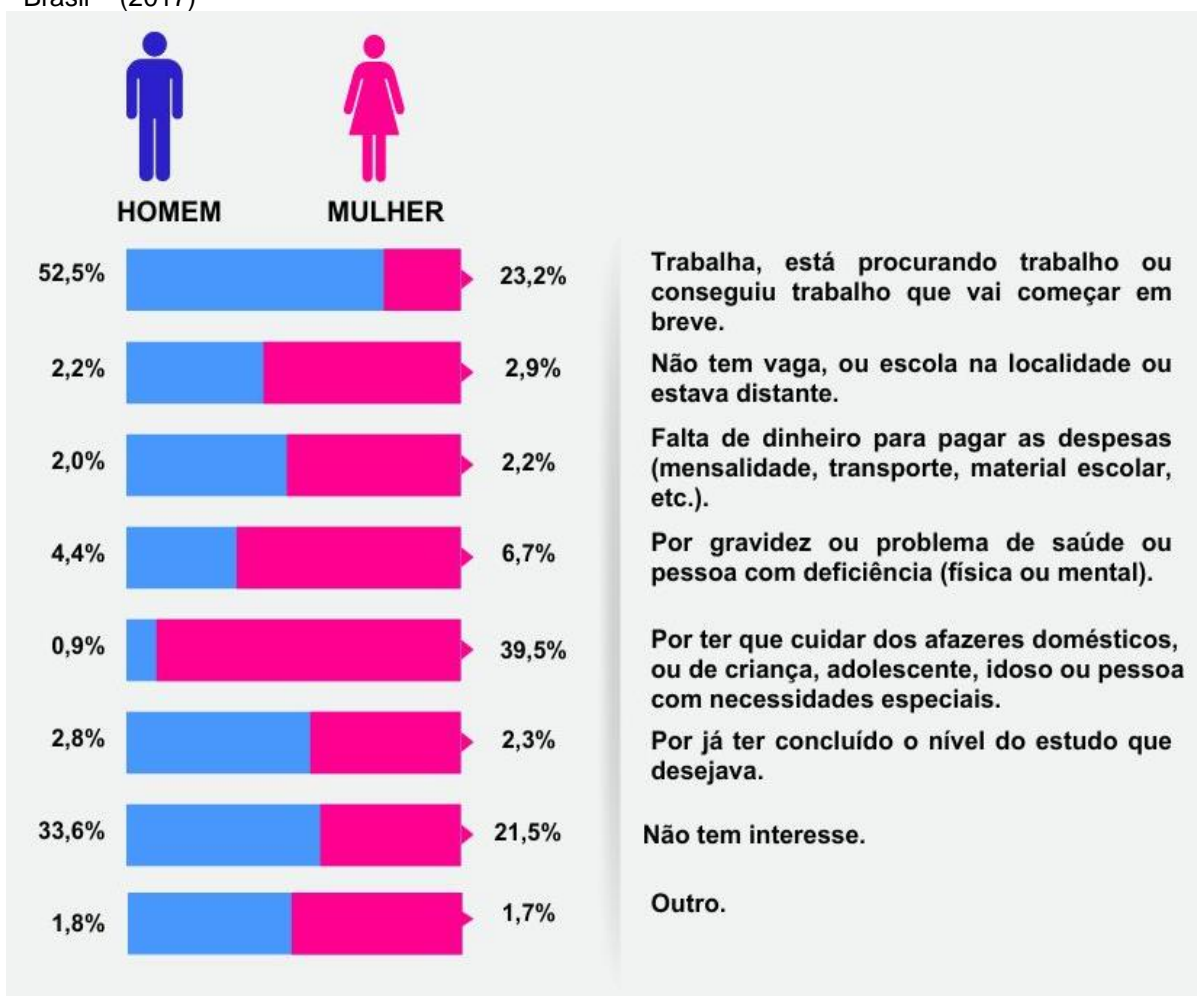
Fonte: Agência notícias IBGE, 2018. Com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2017- Educação. Elaboração própria, 2023.

Apenas 12,7% estavam ocupados e estudando, uma minoria em comparação as demais categorias em exposição. Os jovens em situação de desocupação e que não frequentava instituições de ensino, representavam 21,7%, enquanto a proporção do que estavam ocupados e não frequentavam a escola, não difere daqueles que não estavam ocupados, mas que frequentava a escola (32,9% e 32,8%, respectivamente). Esses dados apontam para a existência de desafios variados enfrentados pelos jovens, relacionados, não apenas a desocupação, mas a Educação e a inserção no mercado de trabalho. O baixo percentual de jovens que conseguem conciliar trabalho e estudo, ressalta a necessidade de políticas que abordem questões educacionais e ocupacionais para promover um desenvolvimento mais equitativo para esse grupo.

Diagnosticar as principais razões pelas quais os jovens não dão continuidade aos seus estudos pode ajudar a compreender as dificuldades enfrentadas por eles para continuarem na escola. Desse modo, os principais motivos da não frequência

escolar foram comparados entre os jovens homens e mulheres, de 18 aos 29 anos, que não possuíam o ensino superior, muito menos haviam concluído o ensino médio no ano de 2017 (gráfico 9).

Gráfico 9- Distribuição percentual da população de 18 a 29 anos, que não estudava, e não tinham concluído o ensino médio, por sexo e principal motivo de pararem de estudar ou nunca estudaram - Brasil – (2017)



Fonte: Agência notícias IBGE, 2018 com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2017. Elaboração própria, 2023

Em relação aos homens, a principal razão de não estarem estudando, representando a maior porcentagem (52,5%) dentre as categorias, estava relacionada à inserção no mercado de trabalho. Esses jovens estavam em situação de necessidade de trabalho, a procura de oportunidades ou que estavam aguardando o início de um trabalho. Essa análise destaca a influência da demanda por emprego nas decisões desses jovens em continuarem estudando.

Apesar da relevância dessa mesma razão apontada ter impactado as jovens mulheres (23,2%), notou-se que a inserção no mercado de trabalho é mais difícil.

Essa dificuldade é influenciada por fatores como a responsabilidade com os filhos, os afazeres domésticos, ou o cuidado com outras pessoas (39,5%). Em contraste com os homens, surge uma disparidade significativa, registrando uma diferença de quase 39,0 p.p entre homens e mulheres. Evidentemente, esses desafios representam obstáculos para essa parcela da população, muitas vezes resultando na não conclusão dos estudos, ou na dificuldade em manter um nível de escolaridade mais elevado.

Constatou-se, também, que as limitações no acesso a oportunidades educacionais e de emprego, bem como a falta de recursos adequados para buscar essas oportunidades, podem levar os jovens a permanecerem inativos, representando uma barreira mais significativa à continuação dos estudos para os jovens. Em relação aos homens, 2,0% citaram a falta de recursos como principal motivo para não prosseguirem os estudos. No caso das jovens mulheres esse índice não difere (2,2%). Por outro lado, constata-se que os jovens citam com maior proporção, a falta de interesse como motivo para não concluírem os estudos. Um fato preocupante! Nesse segmento, os homens lideram com 33,6%, enquanto entre as mulheres jovens, as taxas foram menores de 21,5%. Isso indica a possibilidade de haver maior interesse em estudar por parte das mulheres, que são limitadas muitas vezes pela desigualdade de oportunidade entre os sexos, e principalmente por razões voltadas a maternidade e afazeres domésticos, como citado anteriormente, em que a participação feminina é culturalmente predominante.

Em suma, a análise revela a complexidade dos desafios enfrentados pelos jovens na busca por educação, indicando a necessidade de estratégias e políticas que vão além de questões econômicas, que toque, em fatores sociais e culturais incentivando o acesso e o interesse na educação.

4 Considerações finais

A reflexão sobre o fenômeno “nem-nem” revela a complexidade relacionada a esta condição, destacando sua relevância para o entendimento das dinâmicas sociais contemporâneas.

A revisão de literatura sobre o assunto revelou a origem e as transformações no uso do termo ao longo do tempo, como também a maneira no qual o conceito se adaptou às variadas realidades socioeconômicas globais.

Historicamente, o termo 'nem-nem' surgiu para descrever um segmento específico da população jovem, que se encontrava à margem das atividades produtivas e educacionais, um grupo cuja condição começou a ser amplamente estudada na Europa e na Ásia, antes de ganhar atenção mundial. Este interesse por parte da comunidade científica, fez surgir uma diversidade de interpretações e significados para o acrônimo, refletindo os esforços para compreender as características, vulnerabilidades e necessidades específicas desses jovens, visando a sua melhor classificação e entendimento.

Na América Latina e, mais especificamente, no Brasil, a análise sobre os jovens 'nem-nem' ganhou impulso nos anos 2000, especialmente após a crise econômica de 2007/2008. As teorias explicativas desenvolvidas procuraram não apenas mapear as circunstâncias que conduzem à situação 'nem-nem', mas também entender as implicações dessa condição para a sociedade.

Em primeiro momento, os autores atribuíram o fenômeno as precárias condições no mercado de trabalho, destacando ser este, um elemento crucial para os jovens se manterem inativos. À medida que o tema foi sendo estudado, aprofundou-se a concepção em torno da população “nem-nem”, observando estreita relação com eventos socioeconômicos recentes. Neste contexto, agregaram-se aspectos como a crise econômica, desemprego juvenil, falta de acesso escolar, e mudanças na estrutura ocupacional que dificultam a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho. Analisou-se ainda, fatores sociais como a localidade dos jovens, cor da pele, o gênero, a maternidade, aspectos conjugais, o baixo rendimento familiar e a desigualdade social, que impõem dura realidade, influenciando os jovens a abandonarem a escola.

Através da coleta de dados contemporâneos, apresenta-se que regionalmente,

a taxa de jovens “nem-nem”, é significativa no Norte e Nordeste do país, assim como para aqueles jovens que moram na zona rural, muitas vezes em localidades longe da escola. Entra em vigor, as disparidades regionais, e as desigualdades estruturais presente em cada localidade estudada.

Ficou evidente, a partir dos dados dos indicadores sociais do IBGE (2022), que entre os anos 2012 e 2021, a taxa de jovens “nem-nem” teve significativo aumento a partir de 2017, tendendo a crescer a partir daí, especialmente no período de pandemia e crise econômica, entre 2019 e 2021. Notou-se, inclusive, que a desocupação dos jovens tem correlação com os ciclos econômicos, salientando, que em períodos de recessão, há picos mais expressivos de “nem-nem”, decorrentes da retração do mercado de trabalho.

Observou-se, que os jovens de faixa etária entre 18 e 24 anos, são o grupo mais vulnerável a permanecer nessa condição, idade em que estes tendem a migrar da escola para o trabalho, deparando-se de maiores entraves e com a não continuidade dos estudos.

Nos aspectos socioeconômicos, jovens com baixa renda e/ou baixa escolaridade, tem maior probabilidade de abandonar os estudos, ou não conseguir se inserir no mercado de trabalho, encontrando maiores desafios em suas trajetórias. Além disso, a condição “nem-nem” é predominante entre mulheres e homens negros, mais precisamente entre as jovens, que possuem maiores índices de permanecer fora do mercado de trabalho. Dentre as motivações, há variados fatores, como o fato de estarem esperando postos de trabalho, não haver vaga ou acesso à escola, baixa renda, problemas de saúde, no caso das mulheres, em sua maioria por gravidez, afazeres domésticos e cuidado com familiares, além disso, estes jovens podem ainda ter concluído o nível de estudo desejado ou não haver interesse em continuidade aos estudos.

Desse modo, destaca-se que as características associadas aos jovens “nem-nem”, revelam heterogeneidades geracionais e uma preocupante vulnerabilidade em torno desse grupo. Neste sentido, o estudo da geração “nem-nem” torna-se pertinente, uma vez que esses jovens apresentam maior vulnerabilidade social, o que pode levar a um déficit de produtividade entre a juventude, levando ao impacto no crescimento e na competitividade da economia brasileira. Portanto, não se pode ignorar a possibilidade de que, caso se mantenha a crescente proporção de jovens nesse grupo, a problemática associada poderá comprometer a capacidade do país de aumentar sua

produtividade durante o período de transição demográfica.

Por se tratar de um tema recente e ainda pouco discutido no âmbito acadêmico, a pesquisa teve em vista, contribuir com o avanço do entendimento da problemática. O objetivo é aprimorar a conceituação desse fenômeno, considerando a heterogeneidade que denota as características e vulnerabilidades dos jovens “nem-nem”. A intenção é evitar que suas peculiaridades sejam analisadas de maneira isolada.

Com isso, o estudo identificou possíveis lacunas no conhecimento já existente. Futuras pesquisas podem considerar, por exemplo, o impacto a longo prazo de ser um jovem “nem-nem”. Essa análise abrangeria consequências para o bem-estar psicológico, oportunidades de emprego, estabilidade financeira e outros aspectos da vida adulta. A compreensão desses desdobramentos poderá oferecer rica contribuição para o aprimoramento de políticas públicas existentes voltadas para a juventude. Por fim, variações regionais e culturais surgem também como aspecto importante, que merece investigação, pesquisas considerando o contexto e abrangentes.

Importante ainda destacar, que as considerações apontadas nessa pesquisa diferem da conceituação socialmente negativa, que atribui aos jovens “nem-nem” o cognitivo de optar por ser “ocioso e improdutivo”, considerando as diversas vulnerabilidades e desigualdades socioeconômicas, enfrentadas por esta parcela populacional, que tendem ficar à deriva a falta de oportunidades. Além disso, como visto, para se discutir o assunto, é necessário compreender a dimensão do problema, o perfil daqueles que compõe esse grupo, como a proporção ao longo do tempo e as escolhas entre atividades alternativas disponíveis no contexto social.

É fundamental ainda, ressaltar que com crescimento da população de jovens “nem-nem” no Brasil, é necessário o acompanhamento por políticas públicas capazes de melhorar a situação juvenil, incentivando sua permanência no setor educacional, proporcionando melhor qualificação e facilitando a inserção destes jovens no mercado de trabalho brasileiro.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **De 37 países, Brasil é o 2º com maior proporção de jovens nem-nem**: Percentual de jovens brasileiros sem estudar e trabalhar é de 36%, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/de-37-paises-brasil-2-com-maior-proporcao-de%20jovens-nem-nem#:~:text=Entre%20os%20jovens%20desocupados%2C%2052,68%25%20s%C3%A3o%20pretos%20e%20pardos>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

ALCOFORADO, Luís et al. Educação e (não) Trabalho. Indagações sobre uma relação sempre controversa, a propósito dos jovens que não estudam nem trabalham. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v.13, n.34, p.38-58, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336355612_Educacao_e_nao_Trabalho_indagacoes_sobre_uma_relacao_sempre_controversa_a_proposito_dos_jovens_que_nao_estudam_nem_trabalham. Acesso em: 28 de set. 2023.

ALMEIDA, J. B. S. A. d.; FIGUEIREDO, A. M. R. População nem-nem: uma análise a partir dos dados da pnad 2012. **Revista de Estudos Sociais**, v. 19, n. 38, p. 106–129, jul. 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/4942>. Acesso em: 01 de Nov.de 2023.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo Editorial, 2015. p. 101

BLANCH, J. M. La juventud NINI, un agujero negro psicossocial. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 14, n. 4, p. 355-366, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572014000400003&script=sci_arttext . Acesso em: 28 de set. 2023.

CAMARANO, Ana; KANSO, Solange. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **IPEA**, n.53, Nov. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3855>. Acesso em 10 de jun. de 2023.

CARCILLO, S., FERNANDEZ, R., KONIGS, S. e MINEA, A. (2015). **NEET Youth in the Aftermath of the Crisis: Challenges and Policies**. Paris: OCDE, 2015. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/5js6363503f6-en.pdf?expires=1698522307&id=id&accname=guest&checksum=50AA9F709836AA CA7C88C3166811BF26>. Acesso em 28 de set. 2023.

COSTA, Joana Simões de Melo; ULYSSEA, Gabriel. O fenômeno dos jovens nem- nem. **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, p. 115-137, 2014. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5655livrodesafioscompleto-web-compactado.pdf>. Acesso em 11 de nov. de 2023.

Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Jovens de baixa renda têm mais dificuldade para estudar e trabalhar. **Boletim EMPREGO em pauta** (Dieese.br) dez. 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2022/boletimEmpregoemPauta24.html>. Acesso em: 06 de jun. de 2023.

EDUCATION at a glance 2021: **OECD indicators**. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2021. 471 p. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/education/education-ata-glance-2021_b35a14e5-en. Acesso em: 25 de jan. de 2024.

EUROFOUND. **NEETs – Young people not in employment, education or training**: Characteristics, costs and policy responses in Europe. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2012. Disponível em: https://www.eurofound.europa.eu/sites/default/files/ef_publication/field_ef_document/ef1254en.pdf. Acesso em: 17 de set. de 2023.

FERNANDES, L.A.; GOMES, J.M.M. **Relatórios de pesquisa nas ciências sociais**: Características e modalidades de investigação. v.3, n.4, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConTexto/article/view/11638/6840>. Acesso em: 19 de fev. de 2024.

FREIRE, D. G. **Os jovens que nem trabalham nem estudam no Brasil**: caracterização e transformações no período 2004/2015, 2018. Disponível em: <https://policycommons.net/artifacts/1550016/os-jovens-que-nem-trabalham-nem-estudam-no-brasil/2239825/>. Acesso em: 17 de set. de 2023.

FREIRE, D. G.; SABOIA, J. Determinantes para a condição nem-nem dos jovens brasileiros: uma análise desagregada de inativos e desocupados. **Economia e Sociedade**, v. 30, p. 811-844, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/KDLZCkr5QY6PJ7kStWDdMCB/?lang=pt#> . Acesso em: 20 de jul. de 2023.

FRIAS, M.; ALCOFORADO, L; CORDEIRO, A. R. O Caso dos Jovens Nem Nem: nov trajetórias, novos desafios. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 42, p. 186-216, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7348>. Acesso em: 30 de set. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. (4ª ed.). São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 19 de fev. de 2024.

GONÇALVES, W. M.C.M. *Desenvolvimento, Território, Trabalho e Renda*. In: MOURA. **O desemprego da população jovem no Brasil no período Neoliberal**: notas sobre seus elementos determinantes. P. 143-183, 2015.

GUIMARÃES, N. A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**, p. 149-174, 2005.

Disponível em: <https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/trabalho-uma-categoria-chave-no-imaginario-rio-juvenil.pdf>. Acesso em: 30 de out. De 2023.

HOLTE, B. Counting and Meeting NEET Young People: Methodology, Perspective and Meaning in Research on Marginalized Youth. Young. **Nordic Journal of Youth Research**, v.26, n. 1, p. 1-16, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/105146383/Counting_and_meeting_NEET_young_people_Methodology_perspective_and_meaning_in_research_on_marginalized_youth?ri_id=962478. Acesso em: 30 de set, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Banco de Dados**. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40. Acesso em: 10 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Notas técnicas**: versão 1.7. Ipea: Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101708_notas_tecnicas.pdf. Acesso em: 07 de jun. de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira, 2019. Disponível em: <https://wiki.sj.ifsc.edu.br/images/2/21/Liv101678.pdf>. Acesso em: 01 de set. de 2023.

INSTITUTO MOBILIDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL (IMDS). **Juventude, 2023**. Disponível em: <https://imdsbrasil.org/juventude>. Acesso em: 15 de dez. de 2023.

JUSTIÇA DO TRABALHO. **Dia Mundial da Juventude**: Desafios para jovens e para a sociedade. 2022. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/-/dia-mundial-da-juventude-desemprego-%C3%A9-desafio-para-jovens-e-para-a-sociedade>. Acesso em 11 de jun. de 2023.

MADEIRA, F. R. Educação e desigualdade no tempo de juventude. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição**, p. 139-170, 2006. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3296/1/Livro_Transicao_WEB1.pdf#page=140. Acesso em: 30 de out. de 2023

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 19 de fev. de 2024.

MONTEIRO, Joana. Quem são os jovens nem nem? Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho. **Instituto brasileiro de economia da fundação Getúlio Vargas**. FGV, set. 2013, p. 1-17. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/11661/Quem%20s%C3>

%A3o%20os%20jovens%20nem-nem.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 17 de set. 2023.

MURTADHA, N. A. **Características dos jovens Nem-Nem entre os anos de 2001 e 2014**. 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/30224>. Acesso em: 03 de nov. de 2023.

NAVARRETE MORENO, Lorenzo *et al.* **Desmontando a ni-ni**. Un estereotipo juvenil en tiempos de crisis. 2011. Disponível em: <https://www.injuve.es/sites/default/files/9206-01.pdf> . Acesso em: 26 de out. de 2023.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Tendências Globais de Emprego para os Jovens 2022**: Investir na transformação do futuro dos jovens. 2022. Disponível em: <<https://www.ilo.org/brasil/temas/emprego/lang-pt/index.htm>.> Acesso em 07 de jun. de 2023.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Trabajo Decente y Juventud en América Latina**. 2013. Lima: OIT / Oficina Regional para América Latina y el Caribe, 2013. Disponível em: https://www.ilo.org/americas/publicaciones/WCMS_235577/lang-es/index.htm. Acesso em 01 de out. de 2023.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Visão geral da educação 2022**. p.49, 2022. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2022_a5ee2d75-em. Acesso em 11 de jun. de 2023.

PAULINO, Daniele de Sousa. **Os significados do trabalho para jovens nem-nem e suas estratégias de inserção no mercado de trabalho**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21624>. Acesso em 27 de set. de 2023.

PASTORE, J. A instabilidade de trabalho dos jovens. **O estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 de Set. 2013.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego**: A situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro (2a ed.). São Paulo, 2007.

PUBLIC HEALTH ENGLAND. **Local action on health inequalities**: Reducing the number of young people not in employment, education or training (NEET). London: UCL Institute of Health Equity, 2014. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/media/5a7dd2a040f0b65d88634a03/Review_3_NEETs_health_inequalities.pdf. Acesso em 30 de set. de 2023.

ROCHA, E.; *et al.*, DIFERENTES VULNERABILIDADES DOS JOVENS QUE ESTÃO SEM TRABALHAR E SEM ESTUDAR: Como formular políticas públicas?. **DOSSIÊ JUVENTUDE E TRABALHO, 2020**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/VHJ6mzWBFg3Qt4JDwxGj8pk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

SILVA, Enid Rocha Andrade da. Não está em educação: o tempo dos jovens Nem-Nem na América do Sul. In: **Revue Quart Monde**. P. 25-28. 2020. Disponível em: <https://www.revue-quartmonde.org/10220>. Acesso em: 30 de set. De 2023.

SILVA J, P.R.; MAYORGA, C. Jovens nem nem brasileiros/as: entre desconhecimento das experiências, espetacularização e intervenções. **Desidades**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 10-23, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231892822019000200002&lng=pt&nrm=iss. Acesso em: 18 de jul. de 2023.

SOUSA, Euzébio Jorge Silveira. **Inserção dos jovens no mercado de trabalho, subdesenvolvimento e as mudanças estruturais**. Orientadores: Márcio Pochmann, Marcelo Weishaupt Proni. 2020. Tese (doutorado em economia) – Instituto de Economia. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1162364>. Acesso em: 27 de Set. De 2023.

TILLMANN, Eduardo; COMIN, Flávio. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração nem nem. **Pesquisa e planejamento econômico**. PPE, Rio Grande do Sul. Ago. 2016, v.46, n.2. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7290/1/PPE_v46_n02_Determinantes.pdf. Acesso em: 20 de set. 2023.